

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 8

Agosto de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 110 — Lisboa

Viver é lutar ¹

Ex.^{mo} Presidente da Republica,
Senhores Ministros,
Minhas senhoras e meus senhores:

A vida é a luta; a sociedade é a guerra; a energia é a fonte de todas as vitorias, assim materiais como morais.

Sei com quanto desgosto não de ouvir as palavras, que acabo de pronunciar, algumas das pessoas que me escutam, ás quais o fragôr das batalhas e o rebombar de poderosos canhões que, ha dois anos, não cessam de vomitar projecteis, que semeiam a destruição e a morte em volta de si, não têm bastado para convencer quanta utopia envolvia a intensa predica não só ontem, mas ainda hoje, desenvolvida por aqueles devaneadores, posto que generosos espiritos, que, sonhando uma humanidade especial, asseveravam, e persistem ainda em confirmar, estar prestes a chegar aquele momento, no qual — «a arvore da discordia será destruida, e as nações transformarão as espadas em charruas, e as lanças em alviões» —, momento outrora predito pelo grande profeta hebreu Isaias, mas do qual debalde, no perpassar dos seculos, se tem aguardado o advento.

Não só a historia, mas os proprios factos, que no momento presente se repetem sem cessar, demonstram exuberantemente que a humanidade se não rege pelas fantasias e teorias mais

¹ Oração pronunciada, no dia 30 de Julho, pelo General José Estevão de Moraes Sarmiento, Comandante da Escola de Guerra, na inaguração dos cursos reduzidos da mesma Escola, determinados pelo Decreto de 4 de abril ultimo.

ou menos engenhosas dos filantropos, mas pelas leis inexoráveis da natureza, ás quais todo o estadista previdente tem o dever de subordinar os planos de governo, embora com o intuito de procurar dirigir e amaciar o caracter rigido e inextinguível, que constitua a essencia das referidas leis.

Prova a biologia ser a luta universal um desses preceitos, a que estão subordinados todos os sêres vivos, e aos quais a especie humana não faz excepção. Desde a resistencia que, umas vezes inconsciente, outras deliberadamente, ele desenvolve contra a acção destrutiva do meio em que vive, em todos os demais actos da sua vida se revela ser o homem um ente instintivamente combativo. Ainda quando a acção educativa podesse numa parte da especie vencer esse instinto, encarregar-se-ia a parte restante dela de aniquilar tal conquista civilizadora. Além do que, a guerra não tem apenas o caracter ofensivo; quando bem considerada, até representa sómente a legitima defesa continua e universal. Pela sua propria natureza os homens são obrigados a defenderem-se incessantemente dos seus semelhantes, ou seja pela astucia ou pela aggressão pronta e directa. As proprias nacionalidades, ao atacar as mais fracas, fazem-o, umas vezes, para satisfazer ás imperiosas exigencias da força expansiva da sua raça e necessidades do seu commercio, outras com o intuito defensivo, porque necessitam robustecer-se contra a ambição de outros Estados mais poderosos, ou seja adquirindo novas forças, ou conquistando territorios, que lhes sirvam de muralhas para deter a invasão, que receiam.

A pretensão de querer transformar a natureza humana é nobre em si, mas não deixa por esse motivo de ser temeraria, até ao ponto de constituir simples quimera. A conservação das especies com os seus caracteres especificos é uma das leis naturais, que a simples vontade dos homens será sempre impotente para modificar, porque, ao brotarem para a vida, nenhuma deixa de trazer consigo a obrigação de se conservar integra, impondo ao próprio ambiente a respectiva hereditariedade. Apesar de todas as reacções quimicas, que se passam nos laboratorios constituídos no organismo dos inumeros seres vivos, que incessantemente renovam a sua substancia, as propriedades primitivas mantêm-se irreductiveis, e é precisamente essa persistencia, através de todas as vicissitudes da existencia de cada ser, que representa a característica da vida.

A progénie humana é dicótila: o individuo provém de dois seres, originados continuamente cada um por outros dois, o que prefaz no decorrer dos seculos milhões de ancestrais directos para cada individualidade. O facto poderia fazer supôr, que as modificações redundantes de tão longo e incessante cruzamento aniquilariam toda a influencia da linhagem, de modo a libertar sucessivamente dela os entes, que vão sendo chamados á vida no percurso do tempo. Posto que o fenomeno sexual da fusão de duas progenituras esteja ainda envolvido em densas trevas, ha um ponto, porém, que a sciencia considera indiscutivel, e é ele o de que as propriedades comuns aos dois ramos, que se fusionam, se transmitem sem alteração ao individuo oriundo dessa fusão. Essas propriedades comuns são as propriedades especificas, e até as propriedades da raça nas uniões de raça pura.

O facto explica porque nos assuntos gerais de psicologia não merecem detença para particular observação aqueles caracteres individuais, que revelem uma libertação mais ou menos profunda das influencias ancestrais. Significam simples accidentes, que não bastam para contestar a existencia desse laço misterioso, denominado heretriedade, que não existe apenas de individuo para individuo, mas representa a propria essencia dos fenomenos vitais, e leva a afirmar não ser a vida, tanto dos vegetais, como dos animais, um fenomeno que começa, mas sim um fenomeno que continua.

Não constitue novidade, portanto, a afirmação de possuir cada raça uma constituição mental tão fixa, como a que se revela nos caracteres anatomicos, e da qual são oriundos os seus sentimentos, ideias, instituições, crenças e artes. E' dos caracteres psicologicos, que definem a alma das raças, que derivam principalmente a historia de cada povo e a sua civilização. Não sofre contestação, é certo, o ser tambem a historia de cada nação determinada por outros factores de ordem diversa. Mas, a par de quaisquer casos especiais, de accidentes de ocasião, que hajam concorrido como determinantes dos factos historicos, não ha duvida de que uma das suas causas mais preponderantes haja sido a constituição mental dos povos, que neles intervieram. No dizer de um notavel filosofo — "a vida de um povo, as suas instituições, as suas crenças e as suas artes são a trama visivel da sua alma invisivel" —, fa-

cto que levou, ainda ontem, outro notavel escritor francês a asseverar — «a irreductibilidade da alma dos povos» —, asseveração esta que mereceu, por seu turno, o aplauso de um não menos autorizado sabio espanhol. A doutrina, como se vê, toma o aspecto de incontestabilidade no campo sereno em que só domina a voz dos grandes pensadores.

Na verdade, a acção da civilização tudo tem transformado, especialmente no ciclo denominado historia contemporanea, a ponto de se poder afirmar, que a terra que pisamos não é, nem pelas condições materiais nem pelas sociais, aquela em que viveram os ancestrais. Ha apenas um campo onde não tem exercido qualquer acção o poder dos reformadores: é o que constitue os caracteres seculares das raças, fixados pela acção do tempo. A propria acção do ambiente, com as suas influencias fisicas e morais, a que o homem está sujeito durante a vida, apenas tem exercido diminuta variação nesses caracteres. O dominio de tais influencias sómente se afirmou, quando a heretriedade inalteravel e persistentemente acumulou o resultado da sua acção durante a vida de varias gerações, isto é, após seculos volvidos.

E' por isto que os psicologos afirmam, e demonstram, constituirem as raças seres permanentes, formados não sómente pelas individualidades vivas, mas tambem pela longa serie de mortos, que foram os respectivos ancestrais. Infinitamente mais numerosos do que os vivos, os mortos são, tambem, infinitamente mais poderosos do que eles, porque regem o imenso campo do inconsciente, esse invisivel dominio, que exerce o seu imperio sobre todas as manifestações da inteligencia e do character. Este facto incontroverso é traduzido pela conhecida asserção, de que são os mortos, mais do que os vivos, quem regem os actos dos povos.

Podem as propriedades especificas, que definem a alma das raças, semelhar extintas durante longo tempo, por não haverem tido ocasião de se manifestarem, mas frequentemente se tem visto como elas ressuscitam, devido a um episodio, algumas vezes insignificante, que constitue como que tenue faisca, que faz explodir o mais colossal paiol. Quando essa ressurreição se verifica, como que surge uma nova colectividade com costumes, ideias e actos profundamente transformados, assemelhando-se então a sociedade ás aguas de um

placido lago, que a força da tormenta subitamente encapela, ameaçando a vida de quem quer que ouse transpo-las.

Os excitantes, que produzem tais efeitos, são em numero variado e de natureza diferente. Mas sejam eles generosos ou crueis, heroicos ou pusilanimos, os impulsos que fazem brotar na alma dos povos são sempre tão imperiosos, que nem o instinto da conservação, nem o interesse pessoal bastam para os dominar. O mal agrava-se pelo facto das colectividades, ainda as mais civilizadas, não serem de sua natureza apenas impulsivas, mas voluveis. Como os selvagens, não admitem tambem que haja força alguma que possa interpôr-se entre os desejos e aspirações concebidas e a sua realização, tanto mais que o numero lhes faz surgir sempre o sentimento de constituirem um poder irresistivel. Para os povos, inflamados numa qualquer aspiração, a noção da impossibilidade da sua execução desaparece.

Outra das propriedades especificas, que constituem a alma das raças, é a excessiva sugestibilidade, cujos perniciosos efeitos se agravam pela natureza contagiosa. As mais disparatadas ideias, brotadas de cerebros pouco atilados, tem bastado inalteravelmente, na sequencia dos seculos e só pelo poder da contagiosa sugestão, para produzirem as mais formidaveis revoluções. Aventado um dislate, por mais improprio que seja, se consegue dominar o espirito dos primeiros, que o escutam, brevemente alastra por toda a colectividade, arreigando-se nos espiritos, e experimentando logo sucessivas transformações, a ponto de se não assemelhar na sequencia do movimento produzido com o caso primitivamente sugerido. E, como as ideias, que invadem os cerebros, tendem insistentemente em se transformarem em actos, são esses dislates, mais ou menos transformados, a causa de grandes comoções sociais, não havendo razões suasórias, que se imponham, porque, durante a vigencia das paixões colectivas, nem o ignorante, nem o sabio, são capazes de exercerem o espirito de observação.

Mas dessas varias propriedades especificas, que são comuns ás diferentes raças humanas, umas tem em algumas delas maior predominio do que em outras. Assim como a classificação das especies se basêia em caracteres irreductiveis, e portanto fundamentais, que as distinguem entre si, o mesmo succede aos caracteres psicologicos das raças, a ponto destas

poderem ser classificadas em divisões perfeitamente distintas. Mais ainda do que pela intelligencia, é pelo carácter, isto é, por aquella combinação dos elementos, que os psicologos designam habitualmente pela denominação de sentimentos, que se diferenciam entre si os povos das raças superiores. E são as faculdades mais ou menos derivadas da vontade, como sejam a perseverança, a energia e a força do dominio das proprias paixões. bem como a moralidade ou o sentimento intimo do cumprimento de determinadas regras de proceder, os factores que naquella classificação exercem a preponderancia, pela maior ou menor intensidade, que assumem.

Ora, é da constituição mental das raças que deriva a concepção que elas têm do mundo e da vida, concepção que é a determinante do seu procedimento. Os factos, que se vão succedendo no decurso do tempo, não impressionam igualmente a humanidade. Em face deles cada raça sente, pensa e procede conforme lho permite a respectiva constituição mental. As lutas seculares de raça tem por causa principal a incompatibilidade dos caracteres, que as distinguem.

E' o abismo da diferença e irreductibilidade da constituição mental, que separa as varias raças, quem explica a razão pela qual os povos superiores jámais conseguiram fazer acceitar a sua civilização pelos povos inferiores, e, é ele ainda, o que permite asseverar que constituirá simples quimera, durante os seculos vindouros, conseguir pelo derramamento da educação assegurar a paz geral entre os homens. A palavra dos filantropos modernos nem é mais eloquente, nem mais suggestiva, nem mais persuasória do que a desse grande filosofo, que foi Cristo, qual, esmerando-se em fazer convencer os homens de que se deviam amar uns aos outros, cuidadosamente evitou sempre o assegurar que essa generosa aspiração seria conseguida na vida terrenal. Os apóstolos poderiam ter sonhado a realização de tão belo ideal, mas o Mestre não o fez, sabendo, ou presentindo, que a modalidade diferente do character das varias raças constituía entre elas uma muralha intransponivel, que nem o poder do Creador universal poderia destruir.

Se o principal intuito da Cristandade assim falhou inteiramente, durante seculos da mais tenaz propaganda, na qual foram empregados todos os recursos, que ao espirito humano era licito produzir para conseguir suggestionar a alma dos po-

vos, como se pôde confiar da acção do Pacifismo, muito mais desordenada, tenue e depreciada, resultados mais eficazes? Como aspirar a que a Educação realize a cobiçada conquista da — «paz entre os homens» —, se a sciencia assevera, e confirma, que só as qualidades da intelligencia pôdem ser por ela modificadas, escapando as do character quasi que inteiramente á sua acção? Para que esperar igualmente esse resultado das conquistas dos progressos materiais, que têm conseguido a intensa aproximação dos povos, se os factos dia a dia demonstram que essa vida de relação mais vivas torna as propriedades especificas, que definem a alma das raças, afirmando formalmente a sua irreductibilidade? Será possível, ainda, obter o convencimento geral de que a satisfação da sêde do ouro, que domina a sociedade contemporanea, se conseguirá pelo colossal desenvolvimento do commercio, obrigando assim as nações pelo sentimento sordido dos interesses mercantis a calar os odios e rivalidades sugeridos pela incompatibilidade da constituição mental das raças, isto exactamente no momento em que se desenrola a mais terrivel das guerras contemporaneas, da qual uma das causas proeminentes foi a conquista da hegemonia comercial?

Não; deixemos de embalar quimeras, embora generosas, porque elas apenas constituem simples mentiras convencionais, as quais, por serem velhas como o mundo, a evidencia dos factos, esclarecida pela sciencia, já de ha muito devia ter sepultado no esquecimento. A vida não será jámais a paz eterna, porque esta só começa no dia em que o homem é definitivamente vencido e entregue á terra, donde provém a sua origem, Existir é lutar; viver é vencer. Emquanto a biologia representar a fiel descrição das leis naturais, que regem a constituição dos seres vivos, o Pacifismo não logrará outra demonstração, que não seja a da inconveniencia da sua falaz propaganda. Aos efeitos desta devem as nações aliadas, não só o adormecimento dos dotes virís, que lhes fez outrora conquistar a preponderancia mundial, mas o descuido na organização militar, que se tem traduzido na perda de milhões de vidas e de capitais tão assombrosos, que, em face deles, mesquinhos se deveriam considerar os resultantes da devida e oportuna preparação da guerra.

Não me proponho com as palavras pronunciadas fazer

a propaganda da guerra pela guerra. E' mais nobre e mais altruista o meu proposito. Eu tambem amo a generosidade e aspiro ao pleno reinado da justiça, mas na plenitude de condições em que ambas melhor revelam a sua grandiosidade, que é ao serviço da força, quer esta se represente no homem, quer na nacionalidade. A apologia da paz, como aspiração fundamental e atravez de todos os obstaculos, representa o incitamento á iniquidade e a transigencia com a injustiça. A paz é o melhor dos bens, mas, para que seja verdadeiramente util, torna-se indispensavel que se revele digna e justa. A guerra é incontestavelmente um mal, mas não é o pior dos males. O pior dos males é a paz com o sacrificio da honra e da independencia; é a vida sob o jugo do mêdo, da pusilanimidade e da cobardia. O melhor dos bens é a força do character, pronto a repelir as ameaças e afrontas, docil para as desditas, recto e generoso para a administração da justiça. A minha concepção sobre a attitude a guardar no assunto encontro-a bem traduzida nas palavras de um antigo Presidente da Republica dos Estados Unidos, que dizia conquistar mediocre escuta o orador pusilânime ou efeminado, que exaltava a paz, mas que mais intensa e reflectida atenção era concedida ao homem forte, que, com a espada cingida, prégava a paz, não por motivos arguciosos, mas pela simples razão do dever moral.

Portanto, se a vida é a luta e se a sociedade é a guerra, devido á imutabilidade das leis naturais, que deixo rapidamente esboçadas, o dever dos estadistas é o de formar homens para esse estado social, dirigindo a educação da mocidade por modo a desenvolver-lhe, conjuntamente com a intelligencia, o corpo e o character, procurando assim constitui-la com a resistencia e as aptidões virís indispensaveis para assegurar a conquista da victoria, tanto nas lutas incruentas do trabalho como nas sangrentas batalhas, em que se defendam os grandes principios de liberdade ou a independencia da terra em que nascemos.

A existencia das nações, na epoca presente, depende incontestavelmente da sua prosperidade material, que tem como instrumento essencial uma larga cultura ao serviço de especiais dotes de espirito, mas não depende essa existencia menos do cumprimento dos deveres civicos para com a Patria e para com a propria Raça, afirmados no sólido sentimento de con-

servar livre e de engrandecer a terra, que livre e considerada foi legada pelos antepassados.

A mola, que impulsiona toda essa acção e aptidões maravilhosas e fertilizadoras, é a energia, é o incessante esforço com que as individualidades devem concorrer, não só para a conquista do seu bem estar, mas ainda para o da sociedade em que vivem, por modo a que ambos esses rendimentos se elevem gradual e successivamente, embora com a contrariedade ou detrimento das aspirações, comodidades e interesses pessoais.

Como os sociologos o afirmam, e a historia comprova, não só nas sociedades civilizadas, como nas simples individualidades, a tendencia para conseguir o maximo rendimento energético é o facto que domina presentemente todos os phenomenos sociais.

Durante a paz, as nações industriais e comerciais, avassaladas pela ardente emulação mutua, cuidam freneticamente em se organizarem e abastecerem mecanicamente, por modo a captar uma parte, cada dia mais vasta, da produção e trafico universais. Nessa luta tenaz e descaroavel, que até ha bem pouco se travava em todas as regiões do globo, e fez afirmar a um inglês illustre — «ser peor do que a guerra e conduzir forçadamente á guerra» — nem um só meio é desprezado para conseguir acrescer incessantemente a eficacia dos esforços empregados.

Nos tempos belicos, egualmente, observam-se cada dia, os titanicos esforços que os combatentes reciprocamente empregam, seja para o avanço no territorio cobiçado, ou para deter a marcha vitoriosa dos adversarios. Das linguas faladas pelos varios contendores, parece haver sido então riscada a palavra «impossivel». Os diferentes teatros da guerra medem a sua extensão pelo numero dos covais em que estão gosando a paz eterna, muitos dos que neles combateram; os seus terrenos estão ensopados pelo sangue derramado; nem na profundidade do solo, nem nas regiões mais altas da atmosfera é licito encontrar a quietação e a garantia da vida. Por toda a parte, em todos os campos, a morte é à palavra de passe, a vitoria a aspiração da vida. Perante tão soberbo e terrivel espectaculo é que se reconhece toda a exatidão do principio afirmado pela sciencia, de que uma nação é grande

e considerada mais pelo conjunto dos meritos e virtudes, que constituem o character do seu povo, do que pelo simples grau da sua illustração. Ora, são essas propriedades especificas do character, que a educação não tem o poder de crear, se no proprio organismo não existe o seu germen, que podem e devem ser desenvolvidas, durante a paz, fazendo-as adquirir por processos adequados, notavel predominio.

Não consistem estes, porém, na simples enunciação de maximas e processos doutrinarios, expostos placidamente na escola, nos jornais ou em conferencias publicas, mas na adopção de intensos e apropriados processos experimentais. Só provocando o exercicio da vontade, da perseverança, da iniciativa e dos demais atributos do character se consegue exercer preponderante influencia na formação e desenvolvimento da energia, que é sempre a fonte de todas as vitorias, quer sejam as obtidas nas lutas incruentas da paz, quer nas hostilidades sanguinarias da guerra.

Explica a doutrina exposta a razão de ser porque se inicia hoje na Escola de Guerra um regime especial, destinado a preparar uma parte valiosa dos officiais, de que o exercito necessita urgentemente para poder efectuar a sua mobilização. Não mira essencialmente esse regime a desenvolver larga e profundamente a cultura do espirito, missão que se não coaduna com a brevidade do tempo disponivel, mas a provocar, exaltar e orientar pelo ensino pratico mais essencial, os dotes viris, que representam a excelencia do character.

Todos os cursos ministrantes de cultura adaptavel ás necessidades da carreira militar, regidos nas escolas superiores ou tecnicas, quer do país, quer do estrangeiro, serviram de titulo para abrir as portas deste estabelecimento á mocidade ardente de contribuir com o seu esforço para honrar a nacionalidade nos campos de batalha, a que os deveres de aliança nos conduza. A invocação clara, precisa e terminante, que serviu de tema á abertura do concurso para a admissão na Escola, no periodo extraordinario que hoje se inicia, garante, quando menos, a presunção de que os candidatos seleccionados sejam dotados dos gérmes de energias morais indispensaveis a quem se propõe exercer a mais alta e difficil das profissões, que é a de condutor dos homens atravez dos perigos da

guerra. Não podem, nem quererão, os interessados alegar a ignorancia do destino a que estão reservados, quando tão explicitamente foi declarado nos termos do decreto, que estabeleceu este regime provisorio, que era para fazerem a guerra.

Assim se realisa brilhantemente a concepção daquelle general francês e ministro da guerra, que dirigindo-se ás associações destinadas a desenvolver a cultura das aptidões fisicas, lhes recomendava que preparassem devidamente homens, porque o exercito os transformaria em soldados. Analogamente me dirijo eu agora a essa mocidade, que repleta do mais são patriotismo se ofereceu para servir a Patria nos futuros campos de batalha, dizendo-lhe, em nome dos seus lentes e instrutores:—«Uma vez que no exame calmo e reflectido de vossas consciencias vos sentistes homens, no sentido varonil da palavra, nós nos encarregaremos de vos transformar em soldados.»

Gloriosa, mas difficilima missão esta a que nos vamos dedicar todos os aqui exercemos a missão educadora! Não ha aspecto sob que esse dever possa ser encarado, que se não encontre consideravelmente difficultado no regime inaugurado no presente momento.

Quando a experiencia de dois anos continuos de guerra nos está dizendo que, mais do que nunca, as campanhas assumiram pronunciado character scientifico, recorrendo á contribuição de todos os ramos de conhecimentos apropriados ao robustecimento do ataque e da defesa, é este precisamente o momento em que a dura imposição dos factos internacionais nos obriga a reduzir a cultura profissional dos futuros officiais, sintetizando, em poucas lições, materias por tal modo vastas e importantes, que o espirito dos mestres mal saberá discernir como e onde entre elas hão de operar o exigido parco seccionamento.

Maiores e mais ingentes são ainda as difficuldades derivantes da missão referente á cultura do character dessa mocidade, que só é confiada á nossa acção educativa, por breve e fugaz lapso de tempo. Julgo não cometer incorrecção maior repetindo, o que tem sido afirmado pelos mais autorizados pedagogos nacionais, e é, que a questão educativa, posto tenha experimentado notaveis progressos, ainda está longe de atingir nas nossas escolas o gráu de desenvolvimento, que exige o triplice

e indissolúvel aspecto sob que ela deve ser encarada. Até ha bem pouco, a educação consubstanciava-se apenas na cultura intelectual, e esta mesma ministrada, as mais das vezes, por processos condenados pela mais sã pedagogia.

A cultura física, essa apenas se esboçava em pequeno numero de liceus e collegios, mas sem merecer ainda, geralmente, os desvelos, que se tornam indispensaveis, não sómente para robustecer uma raça tão depauperada como a nossa, mas para melhor e mais eficazmente auxiliar o desenvolvimento da intelligencia e, sobretudo, os dotes morais, visto a fisiologia afirmar a ligação intima, que existe entre os tres elementos constitutivos da individualidade humana, os quais se persiste em considerar independentes entre si.

Especialmente a educação do character, corre entre a nossa mocidade inteiramente desacompanhada de toda a acção escolar. Entrou na convicção quasi geral dos professores, que a sua missão apenas visa á cultura da intelligencia, e que á familia, quando muito aos reitores ou directores dos estabelecimentos de instrução, é a quem compete a do character, não havendo argumentos nem instancias que, em geral, consigam demove-los de tão errada compreensão. Como os peores cegos, não querem ver, que as circunstancias da vida moderna como que dissolveu o lar domestico, e que, por isso, a creança atravessando os periodos da adolescencia e mocidade, sem que a sua alma jámais haja pressentido a minima acção estimulante, que lhe aponte os caminhos do bem e da justiça, atinge a virilidade dispondo de um character como que no aspecto selvagem, sem que a devida cultura haja procurado afirmar e desenvolver as boas propriedades especificas e afogar ou neutralizar, quando menos, as perniciosas. Factos do domínio de todos os que me dão a honra de me escutar, e a que não devo aludir, demonstram o perigo de semelhante estado social.

E' nas condições descritas, que a Escola de Guerra tem estado, e continua a estar, incumbida de concorrer para a devida educação dos futuros officiaes do exercito, sendo-lhe, não obstante, geralmente atribuidas as exclusivas responsabilidades das respectivas falencias, embora, menos do que qualquer outro instituto escolar, para elas houvesse contribuido.

Atravessa essa mocidade largos anos, todo aquele vasto periodo em que a acção educativa oferece melhores condi-

ções de prosperidade, quasi desacompanhada dos desvelos indispensaveis, e quando atinge a plena virilidade, isto é, quando o individuo quasi só obedece aos proprios instintos, é que entra o limiar desta Escola para se demorar nela apenas dois curtos anos, agora reduzidos provisoriamente a um. Como se hão de preencher, em tão breve tempo, as lacunas educativas, e muito designadamente a acusada, mas não provada, ausencia de cultura civica, que é essencial ao official de carreira? Com a muita deligencia, com metodo e, sobretudo, com o meticoloso exemplo dado pelos educadores, porque é ainda este o mais eficaz e sugestivo dos processos educativos. Mas, através de tanto esforço, as falhas são ainda inevitaveis, e a critica desapiedada, as mais das vezes injusta, não deixa de lançar exclusivamente sobre esta Escola as correlativas responsabilidades, sem querer atender a que, por mais desvelada que haja sido, e por mais florescente que se apresente uma ceara, inevitavel se torna que o joio surja e medre no seu seio.

Não nos desfalecem o animo tais agravos, porque os nossos peitos não sabem guardar ressentimentos, mas, sobretudo, porque nos alenta o sentimento do dever e nos prende á acção educativa a larga messe, que a nossa cultura realmente produz entre a generosa e briosa mocidade, cujos destinos nos cumpre encaminhar. Para nos redimir de culpas, se elas existem, dispomos de grande copia de derimentos. Agora mesmo estás se ofereceram numerosas, brilhantes, patrioticas, e valorosas, erguendo a alto cume as aspirações da gloria nacional. Com a ausencia completa de toda a preparação metodica, reuniram-se algumas dezenas de milhares de soldados para receberem a conveniente instrução, indispensavel para poderem ir alinhar-se ou defrontar-se nos teatros da guerra com as mais famosas tropas de quantas a historia contemporanea regista a existencia. Dizem, quantos observaram esse grandioso esforço produzido, haverem sido surpreendentes e solidos os resultados colhidos.

Qual foi a vara magica que os produziu? Onde receberam a cultura profissional os dirigentes dessas massas destinadas a afirmar as glorias patrias? Não estão, não vieram busca-los ás catedras, que ocupavam nesta Escola, a alguns dos mais distintos dentre eles? Não foi a essas mesmas catedras que se vieram procurar ainda outros officiais, para os incumbir de

diversos e não menos importantes serviços de preparação da guerra? Como foi possível ser adaptada rapidamente á missão de autorizados instrutores toda essa pleiade de subalternos, cuja vida militar em grande parte decorria no ocio dos quartéis? Quem lhes ministrou a cultura tecnica, que eles desvelada e proveitosamente transmitiram por seu turno á classe dos sargentos, tornando-os prestimosos auxiliares na instrução dos soldados? Onde aprendeu toda essa multidão de oficiais, que vai dos de mais elevada hierarquia até aos de graduação mais modesta, os conhecimentos que lhes permitiu usar com a maior facilidade de uma parte do material, que jámais haviam manuseado nos usos da profissão? Onde se formaram e desenvolveram todas essas brilhantes aptidões, que constituem para o dia de amanhã o mais seguro penhor da vitória?

E quem foram os dirigentes das nossas gloriosas campanhas ultramarinas? Qual foi a escola onde aprenderam a arte de combater, que tão apropriada e valorosamente empregaram para defender, alargar e afirmar a posse dos nossos domínios? Por ventura, ha mais de um seculo, tem o exercito disposto dos meios, e usado dos processos praticos indispensaveis para o aproveitamento e desenvolvimento da instrução, que os oficiais recebem nesta escola? Não tem sido quasi exclusivamente a doutrina aqui ensinada a que tem servido para dirigir a acção do comando nas suas diferentes ramificações, sempre que lhe tem sido incumbida qualquer acção profissional?

Se esta Escola tem de aceitar integra a responsabilidade de falencias para as quais, comtudo, foi a menor contribuinte, então não deve sofrer contestação que lhe devem ser paralelamente reconhecidos, integros egualmente, os meritos da vivificação que se busca operar nas nossas instituições militares. Eliminaí das fileiras do exercito todos quantos nesta Escola receberam a devida cultura profissional. só mui sumariamente desenvolvida nas fileiras, quando o foi, e dizei depois com inteira sinceridade se teria sido possível, não só o inicio da propaganda, mas sequer o simulacro de preparação para a intervenção nessa guerra ingente, que vai travada no mundo, na qual são aproveitados, quer para o ataque, quer para a defenza, todos os inventos e descobertas que as sciencias, as industrias e as artes conceberam nos ultimos lustros.

Defendemos com calôr o merito e largo alcance da cultura profissional aqui recebida, hoje como ontem, pelos officiais do nosso exercito, porque, fazendo-o, pugnamos simultaneamente pela justiça da propria causa e pelo credito da competencia desses officiais. Percorrendo o país do norte ao sul, de leste a oeste, e a vastissima extensão dos nossos dominios ultramarinos, quasi se não encontra acção de fomento que não seja devida á cultura recebida nesta Escola pelos seus iniciadores e executores. Os diplomas por ela passados nos finais dos cursos, que são as chaves que abrem aos seus alunos a porta das carreiras que seguem, e, mais tarde, a dos quadros superiores do exercito, têm sido, são e continuarão a ser o melhor e quasi exclusivo garante dessa competencia, enquanto, pelo menos, a nação não poder aplicar, durante a paz, as largas somas, que são indispensaveis para assegurar uma solida e bem concebida preparação militar.

Alunos da Escola de Guerra: Tenho dito o bastante, embora outros o podessem fazer mais douda e brilhantemente, para exaltar a vossa fé na missão augusta e gloriosa, para a qual os poderes publicos da Nação vos congregou dentro dos muros deste Instituto. Se a vida é a luta, e a sociedade é a guerra, porque assim o determinam as leis naturais. se para assegurar o triumpho se torna indispensavel a acção impulsôra e vivificante da energia, chegou, para cada um de vós, o momento em que só a intensa produção dessa fonte poderosa de vitorias logrará conseguir a realização da suprema aspiração de todo o homem de brios, qual seja a da afirmação da sua existencia por actos que o valorizem e nobilitem, quando menos, perante os contemporaneos.

Mas a energia, para que produza o devido rendimento, individual ou colectivo, necessita de ser guiada por uma solida competencia profissional. A maquina mais pujante e perfeita, mas manobrada por mão ignorante e inabil, não rende, nem em quantidade nem em qualidade, quanto é capaz de produzir ao serviço de mecânico experimentado. São assim, tambem, as multidões, essas gigantescas maquinas humanas, quando movidas por emoções violentas, que são arrastadas dos actos mais deprimentes ao procedimento mais heroico, segundo o gráu de cultura e moralidade dos seus dirigentes ou

inspiradores. Nos exercitos, que são multidões regularmente organizadas, armadas e submetidas á disciplina, a alma colectiva tambem é domínada pelos sentimentos, que regem o procedimento das multidões. A diferença é que estas são heterogeneas na sua constituição, emquanto que os exercitos são essencialmente homogeneos, homogeneidade que brota e se desenvolve pela acção da instrução militar. Mas a eficacia, valia e rendimento dela derivam essencialmente dos dotes de character e da competencia dos chefes que a ministram.

Por isso, uns dizem, que — «cada tropa manobra conforme é comandada» —, e outros que — «os exercitos valem o que representam os seus quadros —». Quaisquer que sejam os termos do proverbio, a doutrina nele sintetizada é sempre a mesma: é o chefe do tempo de paz quem assegura na guerra o triunfo dos seus subordinados. A arte de combater, como qualquer outra, para que frutifique, necessita passar nas colectividades do consciente ao inconsciente pela competencia, pela tenacidade, pelo metodo desenvolvido pelos chefes, — «se dispõem do tempo indispensavel para que essa transformação se opere». Nada resiste á sua vontade esclarecida, forte e perseverante. Para vencer, dizia um distinto almirante, basta um coração de aço num barco de madeira.

De todos os instrumentos com que a guerra é feita, o primeiro e o mais temivel de todos, continua a ser o homem. Por mais alto a que tenha subido o poder da artilharia, por mais invulneravel que seja a resistencia dos abrigos e por maior segurança que exista na conquista das regiões aereas, continuará a ser da competencia e da energia dos chefes que dependerá a vitoria.

A filosofia de tal asserto condensa-se toda na generalização do facto, que vou citar. Quando Cesar quiz aniquilar Pompeu, que dominava a Tessalia com tropas de pouca confiança, emquanto a nossa Peninsula era ocupada por outras solidamente constituidas, mas comandadas por chefes de menor valia, o heroi romano não hesitou no procedimento a seguir. — «Irei primeiro á Espanha, disse, destruir o exercito, que não tem general, porque é o mais facil, para depois ir bater o general sem exercito» —. Aplicai a doutrina derivante desta asserção a todas as pequenas acções, que se travam ao longo dos campos de batalhas, e cujo conjunto representa o resultado delas, e tereis

conhecido a verdadeira causalidade do triunfo na guerra. E' a resultante da acção do comando nos diferentes elos do seu conjunto quem constitui a eficiencia do poder militar.

Alunos da Escola de Guerra: O governo da Republica congregou-vos nesta Escola para o fim mais difficil, e tambem o mais glorioso, que vos podia ser incumbido. Não foi para sacrificardes simplesmente a vida, lançando-vos audazmente sobre o inimigo nos campos de batalha, que ele fez apêlo á vossa dedicação. Para outra mais subida e nobre missão, estais tambem aqui reunidos. E' para aprender os liniamentos da mais difficil das artes, que a técnica militar abrange, que é a de comandar, ou seja o conjunto de processos proprios para assegurar a obediencia. Tão difficil ela é que a aguda intelligencia, a larga cultura e os primôres do character, quando isolados, não bastam para formar, as mais das vezes, um chefe que saiba suggestionar as massas humanas ao seu dispôr, dominando-as absolutamente com a simples autoridade moral, adquirindo por tal modo a certeza de que elas o seguirão cegamente atravez de todos os horrores das batalhas.

Para comandar, na larga acepção da palavra, a agudez do espirito é essencial, contanto que seja pronta a passagem do pensamento á acção; a cultura é excelente, se ao cimo dela flutuam inafundiveis os inabalaveis principios superiores, que regem as acções de guerra; as qualidades de character são indispensaveis, quando bem se conhece, para oportunamente as aplicar, a influencia que nos momentos adequados elas podem exercer sobre as colectividades. Mas é o conjunto, e só êle, de todas estas forças, que forma a autoridade moral do chefe, porque é da reunião delas, na medida das funções correspondentes a cada graduação, que deriva essencialmente o espirito de obediencia dos subordinados.

Adquirir a arte de se fazer obedecer é, portanto, para o official um preceito, ao qual a explosão de cada nova guerra faz assumir mais grandiosa importancia. Conseguir que, pela crença firme na propria competencia, pelo simples estimulo da palavra, sem o temor da sanção penal, e pela unica recompensa redundante da satisfação que dá o dever cumprido, o subordinado execute as ordens recebidas, ainda á custa do sacrificio da vida, deve ser a capital aspiração de todo o official, que pretenda servir digna, intelligente e proveitosamente a sua Patria.

Sob esta ficção é que tem a devida propriedade a asserção de — “ser o corpo de oficiais o crisol donde brotam a vida e a moralidade dos exercitos” —. As vitorias na guerra representam, na verdade, a resultante da acção educativa desenvolvida pelos chefes. Assim como as nações são invenciveis, quando sabem alimentar nos seus filhos o culto dos grandes sentimentos civicos, pelo mesmo modo os chefes militares conquistam, para a guerra, a segurança do triunfo, quando, durante a paz, a par das diligencias na conquista da propria autoridade profissional e moral, empregam todos os esforços em desenvolver e aprimorar o character dos que lhe obedecem.

“Abaixai o character dos soldados, diz um notavel psicologo, e tereis as coortes de Xerxes; elevai-lhes o character, e tereis os guerreiros de Leonidas” —. Não sofreu ainda tal asserto a contradita dos factos no perpassar dos seculos.

Amai a Patria com o proposito firme de concorrer para o seu engrandecimento. O patriotismo eficaz não é o que se manifesta por palavras mais ou menos eloquentes e sonoras. É o que se revela pelo devotado culto ao dever, pela competencia profissional e pelo proposito firme de produzir a maior energia, collocando-a inteiramente ao serviço de qualquer das fontes de prosperidade, que assegurando o vosso bem proprio, concorram igualmente para o engrandecimento da nossa terra e para glorificação da nossa raça. Educar é a mais valiosa de todas as missões, que contribuem para este resultado.

Por disposição de espirito cada um de vós escolheu neste momento a carreira militar para campo de acção da sua actividade. Está bem, porque a Patria exige neste momento grave, que atravessamos, o sacrificio e a dedicação de todos os seus filhos. Mas, atendei bem, que aos destinados para assegurar o recrutamento dos quadros dos oficiais ella exige alguma coisa de mais especial, de mais subido, de mais glorioso, e é que aprendam com intelligencia, com disvelo e com o auxilio de aprimorados dotes de character a arte de exercer sobre as tropas que comandarem aquele poder de suggestão, que não só faz com que ellas sobrevivam aos maiores revezes, mas torne estes menos dolorosos e cruentos.

Os actos, que se vão efectuar, da distribuição de premios, da entrega de uma nova bandeira e da ratificação do juramento dos alunos recentemente alistados, têm, consequentemente,

uma triplice e grande significação moral. Alvejam a consagração do amôr ao trabalho e a exaltação do sentimento patriótico, famosas alavancas que têm o poder de erguer as nações até á conquista da gloria eterna!

A distribuição de premios importa a nobilitação de uma alta qualidade do espirito, que é o esforço da vontade nas lutas de competencia, que constituem a essencia da vida humana. A entrega da Bandeira e a ratificação do juramento significam o melhor e o maior dos incitamentos á revelação das restantes qualidades de character, que são apanagio das raças fortes e resolutas, por isso mesmo que não ha excesso de dedicações, nem de sacrificios, que bastem para honrar devidamente o simbolo material da Patria. Isto vo-lo dirá, em breve, com conceitos mais subidos e frase mais quente e inflamada, do que eu saberia uzar, o nobre e respeitado chefe do exercito, que assim quer demonstrar a alta importancia, que liga a esses actos.

E agora, gravai bem na vossa mente as derradeiras considerações, que vou expor, e que elas sirvam para nortear toda a vossa vida futura. Pretende-se neste momento, como problema a cuja solução está ligada a sua independencia, o ressurgimento da Nação, para que ela assim bem possa corresponder ás exigencias da intensa e difficil vida internacional, que ha de succeder ao doloroso e contristador periodo da guerra actual. Ressurgimento que se deve operar em todas as forças vivas, que representem a grandeza do Estado, e que, mais do que nunca, necessitarão da força e prestigio do poder militar para que sejam protegidas e asseguradas no seu desenvolvimento e fastigio. Olvidai o canto das maviosas sereias, que vos hão de querer embalar na ideia de que, finda a guerra que vai travada, e iniciado esse periodo de prosperidades, surgirá alfim a sonhada e persistente paz universal.

Ao contrario, amanhã, maior cabida e oportunidade terá, do que no seculo em que a pretendia pronunciada, a eloquente exortação que o nosso grande épico poz na boca do fundador da dinastia de Aviz, no momento tragico em que nos campos de Aljubarrota foi assegurada a vida da nacionalidade portuguesa:

O' fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança

A missão de chefes militares, para que vos ides educar, não terminará com a assinatura do tratado de paz, que se firmar. Haverá de persistir durante toda a vossa vida, e o seu exercício deverá merecer-vos tanta maior atenção e desvelos quanto que, a brevidade com que a respectiva preparação tem de ser efectuada nesta Escola exige imperiosamente o complemento da conveniente cultura profissional, na sequencia da carreira, a fim de assim vos preparardes convenientemente para a luta que hade seguir á presente, a qual ainda será mais difficil e amarga do que esta.

Observai bem as causas determinantes desta guerra, e verificareis com quanta exactidão a psicologia afirma, que a incompatibilidade do character irreductivel das raças constitui sempre a primeira das causas primordiais de todas as grandes conflagrações dos povos. Quem desencadeou a presente, foi mais uma vez a ambição desmedida da raça germanica, procurando firmar o seu dominio em todos os pontos do globo; o proposito firme de submeter á sua hegemonia os povos que a circundam; a tenacidade e insistencia com que proclamou que lhe pertencia pelas aduzidas primazias do character e alta cultura do espirito o scetro do governo mundial. As demais raças, visadas com tão assombrosa aspiração, impozeram então silencio ás suas tambem mutuas incompatibilidades, unindo-se num esforço supremo, de que dependia a propria salvação.

Na grandiosa e perene luta, que desde os tempos mais remotos vai travada entre a raça teutonica e a latina, a vitoria pertencerá hoje, mais uma vez, áquela a que pertencemos, mas de boa previsão será aguardar, que o vencido se não conforme com a humilhação imposta. Por mais garantias de segurança, que a agudez do espirito sugira aos triumphadores, saberá inutilizá-las a ambição, a tenacidade e o espirito de dominio, que representam propriedades especificas do character germano.

Indispensavel. mais do que nunca, se torna, portanto, que os latinos tenham sempre bem presente, que se foram mister cerca de cincoenta anos para eles ressarcirem a afronta de Rosback nos campos de Iéna e Auerstadt, bastaram apenas oito para esta catastrophe ficar vingada com a entrada dos prussianos em Paris, em 1814. Napoleão. o grande genio da guerra, cuja consagração o prepassar do tempo mais engrandece, julgando haver aniquilado os tradicionais adversarios da raça gauleza, acredi-

tando have-los privado de todos os meios de desforra, viu-os brevemente surgir na sua frente com maior força e audacia do que jamais haviam ostentado, e a essa imprevidencia deveu a sua queda.

Não; a paz universal é sómente sonho e nem sequer constitui formosa utopia, porque a hediondez se lhe revela com os gigantescos destroços e crueis sacrificios a que dá causa a sua perniciosa propaganda. Não ha poder nem sacrificio humanos que possam destruir ou sequer neutralizar os efeitos das leis da natureza. E, por mais duro e ingrato, por mais irreverente e audacioso que seja o proclama-lo, deve repetir-se, que o verdadeiro patriotismo sómente conseguirá engrandecer e nobilitar a terra em que nascemos, quando não olvide, mais ainda, quando não cesse de proclamar bem alto as afirmações com que encetei esta minha modesta oração:—«A vida é a luta; a sociedade é a guerra; a energia é a fonte de todas as vitorias, assim materiais coma morais.—»

Não terminarei, comtudo, sem agradecer em nome desta Escola aos altos e nobres representantes dos Poderes Publicos da Nação, designadamente ao illustre Chefe do Estado, a honra que lhe concederam com a sua assistencia a este acto, assegurando-lhes que havemos de nos empenhar, todos os que aqui exercemos as funcções de educadores, por cumprir honrada e proveitosamente, para com a Patria e para com a Republica, a nobilissima, posto que difficil missão, que nos foi confiada.

APONTAMENTOS DA GUERRA

II — **A artilharia pesada**

Ocupámo-nos no penúltimo número desta *Revista* em colligir os apontamentos colhidos na imprensa estrangeira sôbre a artilharia de campanha. Vamos agora ordenar os que da mesma origem conseguimos reunir a respeito da artilharia pesada, compreendendo nesta denominação, indistintamente, todas as bocas de fogo que pelo seu peso não costumam fazer parte daquela.

A guerra actual, já o dissemos no artigo antecedente, á parte a investida do exército alemão pela Russia, em setembro do ano passado, a campanha da Sérvia, onde a artilharia ligeira teve certamente um papel predominante, visto tratar-se da verdadeira guerra manobrada, a guerra actual, dizíamos, tem sido acima de tudo uma luta de artilharia pesada, o que equivale a dizer que nela mais tem dominado a balística do que a tática.

Ao contrário do que succede com a artilharia de campanha, onde o número de tipos de bocas de fogo é muito restrito, e por consequência facil de compendiar, aqui a variedade é grande, o que dificulta o registo, tanto mais que alguns modelos são pouco conhecidos.

Renunciaremos pois a enumera-los todos, limitando-nos a citar alguns tipos de bocas de fogo mais conhecidas ou que mais se têm evidenciado pelos seus efeitos, alemãs ou austriacas, é manifesto, que são aquelas que a imprensa dos aliados ou dos neutros tem dado a conhecer.

A artilharia alemã parece dispor, entre outros tipos, de peças de 10, de 13, de 30,5 e 38 centímetros; de obuzes de 15 e 28 centímetros e morteiros de 28, 30,5 e 42 centímetros.

A Austria, entre outras bocas de fogo, dispõe dum morteiro de 30,5 centímetros, de grande efeito.

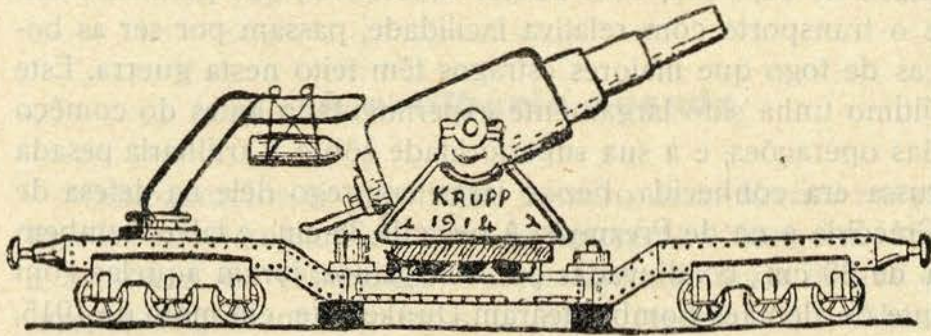
Os turcos, nos seus velhos fortes de defeza dos Dardanelos, tinham, crê-se, quatro peças de 33,6, oito de 24 e varias outras de 10 e 15,2 centímetros, todas da casa Krupp.

Destas bocas de fogo, algumas tem-se evidenciado extraordinariamente. Assim, o obuz de 28, alemão, e o morteiro austriaco de 30,5 cm., com tractor automovel, que permite o tiro e o transporte com relativa facilidade, passam por ser as bocas de fogo que maiores estragos têm feito nesta guerra. Este último tinha sido largamente experimentado antes do comêço das operações, e a sua superioridade sôbre a artilharia pesada russa era conhecida. Fez-se largo emprego dêle na defesa de Cracóvia e na de Prezmysl. A peça de 38 cm., e talvez tambem a de 30 cm., coadjuvadas por aeroplanos, foram aquelas com que os alemães bombardearam Dunkerque, em maio de 1915, á enorme distancia de 35 quilometros, causando importantes estragos. Estas peças deviam estar montadas em reparos especiais, permitindo uma elevação superior a 30°. E' curioso notar que á distancia referida o abaixamento de Dunkerque a respeito do horisonte das peças, em consequência da curvatura da terra, era aproximadamente de 120 metros.

A boca de fogo, porém, que mais deu que falar de si ao começar a guerra e que maior sensação causou, foi o morteiro alemão de 42 cm., de que ha, diz-se, dois modêlos. O do primeiro tipo utiliza a via ferrea nórma como meio de tiro e de transporte. Para esse fim, está montado, com o seu reparo sôbre um *truck* ou possante zorra de caminho de ferro, de 18 metros de comprimento. O meio da plataforma do veículo, muito resistente e rebaixado, sustenta uma placa girante, sobre a qual assenta o reparo e a boca de fogo, cuja rotação para a pontaria em direcção e em altura se faz por meio de transmissões hidraulicas e sectores dentados. Três partes constituem o todo: o *tubo* ou morteiro propriamente dito, de aço forjado; o *berço*, no qual aquêle escorrega, e que sustenta na parte anterior os munhões; e o corpo de *freio hidro-pneumático*, que compreende dois freios de glicerina e um acumulador de ar. Numa extremidade da plataforma está um guindaste, por meio do qual as granadas são levadas do respectivo carro á boca de fogo, que para as receber toma a posição horizontal.

Cada granada pesa cerca de 900 quilos, dos quais 120 são de ácido picrico ou de trinitrotolnol (melinite e tolite). A gra-

nada tem um alcance aproximado de 14 quilômetros com um ângulo de tiro de 45°, mas a inclinação da boca de fogo pode ir até 60°. O disparo faz-se a distância, por meio de electricidade; a velocidade de tiro é de seis por minuto, ao preço de três contos de reis cada um!



Morteiro alemão de 42^{cm}, segundo um periódico francês

Esta peça exige para o seu serviço um verdadeiro comboio, a saber, o *truck* para a plataforma, uma locomotiva com tender, um vagão para o pessoal, outro para as munições e ainda outro para o motor de petróleo que acciona o dinamo e os acessórios de transmissão, pesando tudo umas 300 toneladas.

O periódico francês donde tirámos estes apontamentos, diz-nos que o morteiro de 42 centímetros, em cuja existencia aliás ha ainda quem não acredite, depois de dar cincoenta tiros fica incapaz de serviço, mas esta indicação não é de muita confiança, pois não só parte do material de campanha excedeu, parece, o numero de tiros que se julgava poder fazer, mas entre as peças de grande calibre muitas ha, ainda em serviço, que passaram, e muito, o limite que se lhes marcára neste ponto de vista. Assim, a duração das grandes peças de marinha avaliava-se até agora em 100 tiros, mas algumas das que guarneciam os navios de ataque aos Dardanelos, tinham já, na ocasião, feito mais de tresentos.

Além da boca de fogo que descrevemos sumariamente, parece haver outra do mesmo calibre e oitenta e sete toneladas de peso, susceptivel de ser transportada pela via ordinaria e que atira sobre uma plataforma de cimento,

Esta e outras bocas de fogo de grande calibre levaram os franceses, já depois de declarada a guerra, a estudar e a fundir material de grande potência, e a imprensa do aludido país

noticiou recentemente que os seus esforços tinham sido coroados de êxito e que a França estava enfim a par do inimigo em artilharia pesada, ou grossa, como com tanta propriedade lhe chamavam os nossos antepassados.

O novo material frances rivalisa em potência com o alemão de 38 centímetros. Verdadeiro monstro da artilharia, o seu comprimento anda talvez por 16 metros, o seu alcance deve ir além de 30 quilometros e o seu peso, com o do reparo, atinge o formidavel número de 160 toneladas. Pois êste colosso não viverá *realmente* mais de 4 ou 5 segundos, que tanto é o tempo, na sua totalidade, que os 200 projecteis que êle póde arremessar, antes de ser dado por incapaz, levam a percorrer a alma da peça!

A par da criação de monstros como êste, surge logo o problema do transporte, que apresenta difficuldades incriveis, e o da observação, porque o colosso precisa não só mover-se, senão tambem ver, de sorte que o problema da artilharia de grande potência envolve tres questões, indissoluvemente ligadas: a peça, o rail e o avião.

Que o material recentemente estudado e fundido rivalisa com o alemão di-lo a imprensa francesa, mas nada de preciso sabemos sôbre os seus dados balísticos, não sendo para admirar que o calibre chegue a 40 cm., pois é certo que o limite dos calibres não foi ainda atingido e parece que já se estudam peças de 45 cm., com um projectil de 1.306 quilogr. e uma força viva, na boca, de perto de 60.000 quilogrametros.

Duas questões interessantes, relacionadas com o serviço das peças de grande potência, são a protecção dos ouvidos e a transmissão do som.

A primeira, isto é, garantir de qualquer acidente de caracter fisiológico os ouvidos dos artilheiros, tem merecido o estudo aturado dos médicos militares, pois avalia-se facilmente que os delicados orgãos do aparelho auditivo não resistam ao enorme abalo que as camadas atmosféricas experimentam com a passagem do projectil. Entre vários aparelhos que para tal fim se teem construido, refere-se a imprensa estrangeira com elogio ao de Mallock, que consiste num detentor de ebonite, em cuja face posterior existe um diafragma sensível, perto do qual se encontram duas pequenas molas de arame. O diafragma permite ouvir o mais leve som com pequena perda, mas

a violenta pressão de ar é diminuída pelas molas metálicas.

A distância a que o estampido das peças pôde ser ouvido depende essencialmente, ocioso é dizê-lo, do estado da atmosfera e da configuração de terreno. Recordá-nos, por exemplo, que um oficial inglês conta nas suas Memórias, que em março de 1811 os homens do chamado exercito do sul, sob o comando de Beresford, começaram a ouvir com indisível ansiedade os tiros das peças de Campo Maior, cercada pelos franceses, logo á saída de Portalegre, isto é, a uma distancia que não deve andar longe de quarenta quilometros. Isto, porém, não é nada em comparação com o que afirma um publicista francês, que assegura que os tiros da artilharia pesada, em Ypres, se ouviram a uma distância de 250 quilometros! Outras observações igualmente dignas de crédito dizem que o bombardeamento dos ingleses contra os *zeppelins* que voaram sobre Yarmouth em janeiro do ano passado, se ouviu em Rotterdam, a 200 quilómetros. Casos como êste ainda se poderiam citar outros, assim como tambem se poderiam apontar bombardeamentos violentos que não foram ouvidos a dois quilometros!

Procuremos agora sintetisar o que de mais interessante a imprensa estrangeira tem registado a respeito do modo como a artilharia pesada tem sido empregada, quer nas baterias de costa, quer na guerra de sitio, quer na sua cooperação com a infantaria na luta das trincheiras.

No primeiro ponto de vista não temos senão o desafio entre os velhos castelos turcos dos Dardanelos, Sedd el Bahr e Kum-Kalch, e a esquadra anglo-francesa de bloqueio, visto nenhuma outra operação de vulto, neste género, registarem as crónicas desta tremenda guerra.

Como dissemos noutra parte, os turcos tinham os seus fortes armados com 4 peças Krupp de 33,6 e 8 de 24 centímetros, além doutras de vários calibres entre 10 e 15,2 centímetros. Por sua parte os aliados dispunham em março do ano passado dum total de 16 peças de 38^{cm}; 62 de 30^{cm}5; 2 de 27^{cm}4; 8 de 25^{cm}4; 26 de 23^{cm}4; 28 de 10^{cm} além doutras mais pequenas. A sua dotação em artilharia era consideravelmente mais forte que a do inimigo; não obstante, a empresa não logrou êxito, sendo certo que das embarcações metidas no fundo, dez ou doze o foram pela artilharia. Assim se

confirma mais uma vez a superioridade das fortificações costeiras sobre os navios. Napoleão, que não conheceu a navegação a vapor, dizia que uma peça em terra vale dez a bordo, e esta sua asserção parece ser ainda verdadeira, salvo talvez na proporção.

Não deve, porém, surpreender-nos a falta de êxito dos aliados, pois a história moderna regista apenas três casos em que a marinha, sem outro auxílio, conseguisse vencer pela força as fortificações terrestres. São êles: o bombardeamento de Copenhague pela esquadra de Nelson, no principio do século passado; a destruição das fortificações de Kinburn, na foz do Dniester, pelos franceses, em 1855, e a tomada dos fortes do Mississippi pelo intrépido almirante americano Farragut.

Não ha *dreadnought*, por mais forte que seja, que resista ao fogo duma bateria de costa, de morteiros de 30,5 centímetros, oculta ás vistas do lado do mar. Ao passo que um tiro pode meter no fundo um navio, é impossivel realizar um desembarque emquanto não estiverem destruidos ou removidos os vários meios de defesa que se empregam nas baterias de costa, como submarinos, torpedos, minas, etc.

A proposito, lembra um escritor estrangeiro a sugestiva e histórica opinião do almirante Selwynd: «Um forte marítimo . . . é uma coisa que se deve evitar . . .»

De resto, esta superioridade não é mais que um caso especial doutro geral: a supremacia da peça sobre a couraça, como se prova, além doutros exemplos, pelos que nos oferece a campanha da Belgica. Praças fortificadas e couraçadas, como Namur, Liège e Antuerpia, caíram em poucos dias, cedendo a um bombardeamento violento, em que, demais, a artilharia da praça luta com a dificuldade de determinar com precisão o local das baterias atacantes, vendo-se assim em embaraços para a contrabater.

É curioso registrar, a propósito e como ensinamento, o modo como algumas praças tem sido tomadas nesta guerra, bem como a opinião de oficiais competentes, actores nessas lutas homéricas.

Em Namur os alemães collocaram a uma distancia de cêrca de cinco quilometros das linhas belgas dois grupos de potentes peças, num total de trinta e duas bocas de fogo, concen-

trando o tiro sôbre um só sector. Os defensores procuraram o abrigo das suas trincheiras e não responderam ao bombardeamento. Este sitio pode caracterizar-se do seguinte modo: silêncio da artilharia da defesa; destruição da superstructura dos fortes; avanço da infantaria alemã sob a protecção da sua artilharia; penetração dos intervalos; rendição sucessiva dos fortes, sem necessidade de assaltos.

Em Manbeuge a defesa fez todos os preparativos possíveis: os fortes foram reforçados com cimento e couraças; os intervalos entrincheirados e preparada uma excelente linha de defesa; fortes e múltiplas redes de fios de arame foram estabelecidas e um comboio couraçado foi aprontado para transportes ao longo da linha principal. No dia 3 de setembro de 1914 a artilharia pesada do inimigo abriu fogo sobre a praça, enquanto a infantaria se aproximava até três quilometros das obras. Em 8 dava-se a rendição. As características deste cêrco foram: bloqueio, bombardeamento pela artilharia pesada, avanço da infantaria, ataque nos intervalos, rutura da linha e rendição.

A tomada de Antuerpia apresenta de notavel o facto de ser a força da guarnição tripla da dos sitiante. O comandante da praça, esquecendo os principios fundamentais da defesa, limitou-se a opôr uma resistência meramente passiva. Os fortes eram construidos segundo os principios de Brialmont, isto é, concentravam grande fôrça em pequeno espaço, e a defesa seguiu os mesmos principios, fiando-se demasiado em que o inimigo não encontraria locais apropriados para concentrar o fogo. A passividade da defesa chegou até o ponto de permitir, sem tentar opôr-se-lhe, que o inimigo construisse pontes e aproches em terrenos inundados.

Pode estabelecer-se como regra que, se uma fôrça sitiante é provida com potente artilharia de sitio, e não ha, da parte da defesa, meios igualmente poderosos para lhe opôr, a guarnição deve fazer uma activa defesa exterior para impedir a localização favoravel da artilharia atacante.

Tais são, sumariamente expostos, os termos em que o *Memorial de Ingenieros*, conceituado periódico militar espanhol, aprecia a tomada das grandes praças belgas.

Em contraposição a isto depara-se-nos no decorrer desta guerra, rica em exemplos, a resistência oferecida pela praça

moderna de Dwinsk, na Rússia, construída só de terra, sem cimento nem couraças. O correspondente dum periódico estrangeiro nos campos de batalha descreve-a assim: «A praça dentro da qual se acha a cidade de Dwinsk está a oeste do Dvina, fechada num semicírculo de montanhas com um raio de cerca de 22 quilómetros e um perímetro de 70.

O terreno dentro deste semicírculo é formado por milhares de ondulações, colinas, cavernas, pauis, vales com ribeiras, manchas de arvoredos, campinas e prados. Todas as ondulações, colinas e encostas estão sulcadas por trincheiras, não feitas pelas tropas, nas vésperas da refrega, mas sim preparadas de ante-mão, com boas escadarias de comunicação, amplas coberturas feitas de três camadas de terra cobertas por fortes barrote e sustentadas por colunas. Atrás destas contínuas cavernas de atiradores, á prova de granada, multiplices trincheiras conduzem a espaços também á prova dos projecteis da artilharia, abertos na terra e com muitos ângulos, de modo que nenhuma granada os possa atingir. Quando o inimigo inicia um fogo intenso, toda a guarnição se escoa das trincheiras para êsses espaços protegidos, á rétaguarda, enquanto as vigias espreitam atentamente o momento em que a infantaria contrária avança para o ataque, e então os defensores retomam prontamente os seus lugares».

Tal será, parece, no futuro, o tipo da praça forte ou do campo entrincheirado.

Os officiais russos, diz um escritor militar, que teem grande experiência quer de ataque, quer de defesa das praças fortes, são de opinião de que é ainda vantajoso o principio de Brialmont, do espaçamento dos fortes, os quais devem, porém, ser maiores do que aquêlles autor preconisa e os terraplenos das peças devem ser mascarados por árvores, moitas e ervas. Os fortes hão-de ter quatro ou cinco vezes tantas posições quantas as peças, de modo que o local duma bateria, uma vez descoberto, possa ser logo mudado. Em ocasião de sitio as tropas de infantaria devem alojar-se em espaços, cavados nas colinas ou nas encostas, feitos de alvenaria e cobertos de terra.

Alguns bombardeamentos executados nesta guerra pela artilharia de grosso calibre ficarão memoraveis, mormente os de Reims, Ypres, Soissons, Arras e por ventura outros, sobrelevando a todos, pela violência, o de Verdun.

O processo seguido com esta praça é o mesmo que tem sido adotado com as outras, isto é, o bombardeamento, não só como agente de destruição dos recursos do inimigo e abatimento do seu estado moral, senão também como preparação do ataque da infantaria. O que o caracteriza, porém, à parte a heroica resistência da defesa, é, como atrás dizemos, a sua desusada violência, no dizer mesmo dos oficiais franceses que tem assistido a algumas das suas fases.

As muitas testemunhas dessa grande tragédia, que tem feito as suas confidências aos jornais, permitem-nos colher algumas indicações concretas e valiosas.

O bombardeamento de Verdun, aliás já esperado havia alguns dias, mercê do serviço de informação dos franceses, começou no domingo, 20 de fevereiro, ás 8 da noite, hora a que, atendendo á estação, as trevas envolviam a cidade havia muito. Contou-se certamente com o efeito da obscuridade para aumentar o terror causado pelo fogo. Os primeiros tiros com granadas de 38 centímetros vieram por salvas de quatro. O pânico foi indiscriminado: grande parte da população abandonou a cidade como pôde, a parte restante refugiou-se nos subterrâneos da cidadela. Ao todo caíram nessa noite, dentro do recinto, 28 granadas.

Na terça-feira continuou o bombardeamento, porém com maior violência, atingindo a povoação 73 granadas do mesmo calibre e espalhando-se também algumas pelos arredores. O governador então preveniu os últimos moradores de que era forçoso partir e que no dia seguinte de manhã estaria pronto um comboio para os levar.

São curiosas as descrições por êles feitas desta última jornada através da cidade. Todos são concordes em atestar o estado de ruína da povoação: numerosas casas em parte demolidas, vendo-se através das brechas abertas pelos projecteis a mobília em desordem; escombros fumegantes, onde ninguém procurava extinguir as labaredas que abriam passagem aqui e além; montes de entulho barrando as ruas; postes telegráficos atravessados, arrastando na queda o fio, que se embaraçava nas sacadas dos prédios; cadáveres de animais juntos de restos dispersos de víaturas. Em suma, um pavoroso quadro de destruição, completado ainda pelos projecteis que caíram nos dias seguintes.

Nos combates dos arredores, — Altos do Mosa, Douaumont, Vaux, Caures, etc., — a acção da artilharia pesada fez-se sentir violentamente na fase da preparação, decerto para que a infantaria ao entrar na luta não encontrasse deante de si obstáculo algum que a pudesse deter, a não ser a infantaria adversa. E só assim se explica que o exército alemão não se tenha inteiramente esgotado nos violentos assaltos que diariamente repete desde 20 de fevereiro.

As confidências de alguns feridos nesses combates, até mesmo oficiais de artilharia, testemunham, como dissemos, uma incrível violência na preparação, superior a tudo o que neste género se vira, quer nesta guerra, quer nas outras dos nossos dias.

Procuraremos dar uma impressão desse emprêgo da artilharia e cremos não o poder fazer melhor que transcrevendo em parte os depoimentos de algumas pessoas que presenciaram êsse espantoso drama.

Começaremos por estas sugestivas palavras dum oficial do estado maior, referindo-se a factos ocorridos no ataque ás posições francesas nas proximidades do forte de Douaumont: «Desde o 1.º de março, esses planaltos tão bem fortificados oferecem um espectáculo pavoroso. O dilúvio das granadas queimou, retalhou, convulsionou o solo. O chão, do Poivre a Douaumont, dir-se-ia uma série de socalcos colossalmente lavrados por uma charrua gigantesca. As linhas de cavalos de frisa e os fios de ferro que cobriam as encostas estão fragmentados, torcidos, enovelados, enterrados na terra. As trincheiras mal se percebem. Resta delas uma série de grandes funis, no fundo dos quais se veem, confundidos, misturados, cestões, árvores inteiras, sacos de terra, utensilios, armas. A umas centenas de metros os alemães aguardam o momento propicio do ataque. . . .» Não é facil pintar, cremos nós, um quadro mais sucinto e mais sugestivo dos efeitos duma aturada preparação do ataque, pela artilharia.

O correspondente dum jornal inglês, que assistiu a um dos muitos combates nos arredores de Verdun, tem na sua descrição as seguintes passagens: «Ouve-se um canhoneio horrivel. E' impossivel contar as detonações, que se sucedem sem interrupção, de todos os lados. No vale que se avista na nossa frente, estão em chamas duas ou três casas. Um oficial

de artilharia diz-nos que no primeiro dia do bombardeamento caíram 80.000 granadas num só sector de 1000 metros de largura e 500 ou 600 metros de profundidade. As crateras cavadas por êles prolongavam-se umas com as outras. Tudo que podia opôr resistência á explosão foi fragmentado.

No bombardeamento de hoje dizem os técnicos que o número dos projecteis lançados pelos alemães anda entre quatro e seis milhões" !

Um dos combatentes, ferido, contou nos seguintes termos a um jornalista as suas impressões ainda bem vivas : "No dia 25 de fevereiro nós guarnecíamos a crista descoberta de Bezonaux, mesmo em face de Douaumont. Agachados em pequenas trincheiras, ou atraz de moitas, furando o solo resistente e gelado, de noite, com auxilio das nossas ferramentas, para nos abrigarmos, tal foi a situação em que sofremos um bombardeamento, de 108 horas (!), das quais 73 ininterruptamente. No dia 27 o bombardeamento que já era furioso, tornou-se horrivel. Nunca tínhamos visto uma coisa assim. As granadas caíam de todos os lados, como se fôsem frutos duma grande árvore que se sacudisse com violência. E não eram só de 10 centímetros, eram de todos os tamanhos, porque nesta guerra toda a artilharia é de campanha. Numa extensão de cinco quilómetros estava tudo abrasado.

O ruido era tal, que as ordens se transmitiam passando-as cada homem ao ouvido do vizinho. Em certa ocasião o fumo era tão espesso e tão acre, que chegámos a pensar que estávamos sendo alvejados com granadas asfixiantes, e pozemos as máscaras, reconhecendo depois que nos tínhamos enganado."

Por último, a narração dum oficial duma coluna de munições, quando ia reabastecer uma bataria de artilharia num dos combates, nas proximidades de Verdun :

"Quando chegámos, fomos cobertos por uma verdadeira chuva de granadas, densa como saraiva em dia de temporal. Os cavalos dos nossos carros foram despedaçados pela metralha ; tivemos de desengatar os cadáveres para atrelar outros animais que, sentindo a morte, relinchavam aterrados. As árvores próximas de nós foram derrubadas umas após outras com tremendo estrondo. Apesar de tudo os nossos carros avançavam. Em certa ocasião um dêles, atingido por uma granada, fez explosão, mas o ruido era tal, que nós mal demos

por isso. Depois disto não vi mais nada, porque perdi subitamente a noção do que se passava em tôrno de mim. Quando, dias depois, recuperei os sentidos, achei-me nesta cama. . . »

Com estas transcrições pretendemos dar uma impressão do que é na guerra atual a preparação pela artilharia. Todos os combatentes são concordes em afirmar que a intensidade na preparação do assalto da infantaria excede tudo quanto se vira nas campanhas anteriores, e este ponto é certamente um dos que mais se devem assinalar, pois ficará sendo certamente uma das feições mais características do emprêgo da arma.

Para concluirmos estes apontamentos sôbre a artilharia, ainda algumas palavras àcerca da sua nova especialidade, — a que se destina a abater os diversos veículos da navegação aérea.

Atribuem-se em geral á aeronáutica militar alguns dos três seguintes objectivos: reconhecimento tático, reconhecimento estratégico, *raids* para lançamento de bombas.

No primeiro caso o aviador não sai da área do combate e é preciso atacá-lo sem demora, para que não consiga levar a cabo a sua missão. Daqui se depreende que a peça empregada contra êle tem de ser dotada de grande mobilidade a fim de poder ser facil e rapidamente transportada para o lugar onde fôr necessária, o que aconselha a sua montagem em automovel.

De resto, como a mudança de direcção do tiro deve fazer-se com brevidade, é indispensavel que o reparo tenha a forma de coluna ou pedestal, e que os deslocamentos da peça no plano horisontal se façam só com a pressão do hombro do artilheiro. Além disto, inutil é dizer-lo, a boca de fogo tem de ser de tiro rapido, possuir grande velocidade inicial, grande ângulo de tiro, e dispensar, pela natureza do seu aparelho de pontaria, os cálculos e consultas tabulares.

Várias casas construtoras tem procurado, com êxito, resolver o problema.

As peças cujo objectivo deixámos indicado, diz o articulista que seguimos neste ponto, devem pertencer ás divisões de tropas com que manobram.

Os aparelhos em reconhecimento estratégico operam a grande distância das linhas mais avançadas, chegando ás vezes a passá-las 60 quilómetros. As peças para defesa contra tais

operações devem estar anexas aos quartéis gerais dos corpos de exército ou mesmo dos exércitos. Não se exige aqui a mobilidade que é indispensável no caso anterior, mas as bocas de fogo devem ainda assim ser suficientemente móveis para poderem acompanhar o quartel general.

No terceiro caso, os objectivos do inimigo aéreo, a saber, povoações, edificios, docas, bases, linhas de comunicação, etc., são fixos; as bocas de fogo destinadas á sua defesa podem pois ser fixas, em locais escolhidos de antemão. Havendo uma observação atenta do ar, não deve escassear o tempo para uma cuidadosa pontaria. As dimensões e natureza da peça variam com o seu objectivo. Assim, por exemplo, contra aeroplanos serve a peça analoga em tipo á que se emprega em reconhecimentos, com a diferença que a plataforma é fixa; para dirigiveis exige-se uma peça maior. O projectil a empregar neste caso deve ser explosivo, emquanto não houver perigo de prejudicar os objectos que são alvo do inimigo e se pretendem defender; logo que a prudência aconselhe o emprêgo doutro agente de destruição, recorrer-se-ha ao shrapnel.

Embora diferentes em certos pontos, como vimos, as bocas de fogo contra os veiculos de navegação aérea têm analogias manifestas: para todas elas se exige, qualquer que seja o seu objectivo, rapidez de tiro, facilidade de manobra, ângulo de tiro e velocidade inicial bastante grandes.

E assim como este material é diferente do que se emprega nas outras especialidades da arma e tem objectivos diferentes, assim tambem se regula no seu emprêgo por principios próprios.

Maio de 1916.

TEIXEIRA BOTELHO.

Tenente-coronel de artilharia.

Algumas palavras sobre emprego de fogos e formações

III

Regulação e direcção do fogo da infantaria

A regulação do tiro consiste em fazer coincidir o ponto médio do agrupamento de projecteis com o centro do objectivo. Simplesmente, esta coincidência é muito difficil de obter, se não no sentido da frente, no sentido da profundidade ou alcance, porque a distancia raramente será conhecida com rigôr; ainda que o seja, teremos de recorrer á gradação da alça mais proxima daquela distancia que nem sempre se medirá por um numero inteiro de centenas de metros; as condições atmosfericas não coincidirão com aquelas para que a alça foi graduada; o objectivo não se encontrará rigorosamente ao nivel dos atiradores.

A grande difficuldade é, pois, a determinação da alça a empregar. Para vencer esta difficuldade tem sido indicados varios meios, um dos quais, que parece ter gosado de grande favor, é o do emprego de descargas e observação dos pontos de queda; é evidente que o favor a que nos referimos não póde ter passado de locubração de gabinete, porque quem tiver tido occasião de observar fogos em terreno variado immediatamente se terá apercebido de que só em circumstancias especiais de terreno, incidencia, iluminação, etc., se torna perceptivel a ligeirissima nuvem de poeira provocada pela percursão de um projectil de infantaria; e, se tivermos em atenção os consideraveis valores dos duplos desvios longitudinais provaveis, facilmente nos aperceberemos dos gravissimos erros que podem resultar do exame dos pontos de queda.

A unica maneira pratica e eficaz de regular o tiro consiste, pois, em *concentrar* o fogo sobre um ponto do objectivo, com

uma alça *única*, avaliada por qualquer fórmula, e na observação dos efeitos materiais e morais resultantes desse fogo. Os efeitos materiais avaliar-se-hão pelo reforçamento da formação objectivo, ou directamente, conforme os casos; os morais deduzir-se-hão da justeza do fogo.

Concluiremos, do que fica dito, quanto é perigosa a doutrina do emprego de alças escalonadas, velharia resuscitada sem que se saiba a que título, e quão perigosa é a doutrina da «repartição do objectivo», pueril e injustificável cópia dos métodos de tiro da artilharia, que não atendeu á diferença radical dos instrumentos empregados. A artilharia, por efeito da extrema precisão do seu tiro, tem de lançar mão de meios que a corrijam; para a infantaria, pelo contrario, o desideratum seria reduzir a enorme dispersão do seu tiro, sobretudo em alcance.

O fogo do campo de batalha terá de ser regulado a cada instante, já pelas deslocações do objectivo, já pelos proprios deslocamentos, como consequencia da observação dos efeitos causados sobre o inimigo e dos sofridos pelo fogo de este ultimo, pelo aquecimento do cano, pela fadiga dos atiradores, etc.

*

* *

Por mais banal que o pareça, a primeira condição para realisar uma boa direcção do fogo é que a tropa, os atiradores, se deixem *dirigir*, no mais amplo significado que ao termo possa dar-se em materia de tiro; por outras palavras, é preciso ter alcançado durante a instrução o superlativo da solidês em materia de disciplina de fogo.

Por mais energicos que sejam os meios que, com este fim — assegurar a disciplina do fogo — se empreguem, todos eles fracassarão se não tiverem em atenção *o homem*. Inutil será fazê-lo repetir o numero de tiros a disparar por minuto no fogo lento e no fogo vivo, porque o homem perderá — se é que alguma vez a tiver tido — a noção do minuto, e instinctivamente procurará fazer o maior numero de tiros que puder, atordoando-se, e coonestando perante si proprio o facto com uma enganadora maior probabilidade de prejudicar o adversario; tambem nada se conseguirá com o uso e abuso das

descargas, pela impossibilidade de fixar, a valer e demoradamente, a atenção dos atiradores ás respectivas vozes, além de muitos outros inconvenientes muito conhecidos das descargas; o fogo por cartuchos contados, também, como as descargas, se desordena rapidamente.

Por outro lado a experiencia mostra que a unica maneira de conservar «na mão» os atiradores, conservando ao seu tiro toda a eficacia que lhe seja permitida pela instrução anterior, consiste em deixá-los juizes da oportunidade do disparo, ao mesmo tempo que, repetidas vezes se interrompa o fogo, reprimindo assim o instinto que depressa conduziria á precipitação, permitindo ao chefe corrigir o tiro, regulá-lo, chamar a atenção dos homens para qualquer circumstancia a considerar, etc.; é, em resumo, o emprego das *rajadas*, em que a massa de fogo resulta da colectividade e não da rapidês do tiro individual, porque este, para ser eficaz, tem de ser lento, sempre muito lento.

O fogo rapido é sempre menos eficaz; é um facto intuitivo e verificado experimentalmente. E' por isso que nos insurgimos contra disposições regulamentares que mandam (!) reduzir o tempo da pontaria para alcançar maior velocidade de tiro; é ainda por isso que nos rimos, perdoe-se-nos a irreverencia, da indicação de um livro muito recente¹ em que a ardente fantasia do seu autor pretende obter, *como regra*, soldados de infantaria que em trinta segundos abatam sistematicamente dez adversarios, começando sempre pelo da direita e passando sucessivamente, a cada tiro, ao contiguo para a esquerda, só voltando atraz, na seguinte serie de dez tiros, se, *por acaso*, qualquer dos dez não tiver sido atingido... E isto depois de experiencias de poligono terem demonstrado de uma fórma, para o caso, concludente, que os *magnificos atiradores* são insusceptiveis de realisar um tiro eficaz com velocidade superior a 6 tiros por minuto, que os *bons atiradores* se devem limitar a 3 tiros por minuto e que as restantes não podem ir além de 1 ou 2; e, permita-se-me a insistencia neste ponto, depois de provado á saciedade que não só a percentagem de impates *como até o numero absoluto deles* é inferior, no tiro rapido, ao obtido com fogo lento...

¹ *Le tir pour vaincre.*

Na direcção do fogo pertence exclusivamente ao respectivo director (o comandante do pelotão) a indicação do ponto de pontaria, que, como regra, deverá ser o *meio do pé do alvo*, porque é o mais visível e porque contraria as varias causas que determinam as pontarias altas, sem que prejudique sensivelmente ou de maneira apreciavel os efeitos que se obteriam elevando o ponto de pontaria de metade da altura do alvo.

O ponto de pontaria deve ser unico. A indicação de mais de um ponto de pontaria, ou, por outras palavras, a repartição do objectivo que o nosso ultimo regulamento para a instrução da infantaria levou a limites extremos, não é mais que uma resurreição do escalonamento, manifestando-se agora no sentido de frente. É um erro crasso, insustentavel em face do conhecimento do tiro e do homem; é um erro que se prende ainda com o desconhecimento do fogo colectivo, com a confusão feita entre fogo colectivo e colecção de fogos individuais; é um erro que procurará, talvez, defender-se com a pratica do fogo na guerra de trincheiras, que ao caso não tem applicação, porque este constitue por excelencia a colecção de fogos individuais, em que cada atirador tem por unico objectivo, o atirador "d'en face"; é um erro que não resiste ao mais ligeiro raciocinio, porque basta que nos recordemos de que ha *dispersão* para que nos ocorra que dos projecteis dirigidos a um ponto de pontaria proximo do extremo do alvo, uma grande parte não poderá incidir sobre ele.

Para obter fogos eficazes o director do fogo escolherá, de entre os objectivos que se lhe apresentarem, o mais importante, o mais visível; designará um unico ponto de pontaria e uma alça unica e empregará *todos* os meios precisos para que os atiradores visem esse ponto e empreguem essa alça. O contrario é um inutil desperdicio de munições.

Explicar-nos-ha alguem como pode um subalterno regular o fogo do seu pelotão, corrigir a alça a empregar, se previamente tiver dividido o objectivo pelas suas secções, se estas, por sua vez, tiverem repartido o seu objectivo, se cada uma atirar com a sua alça? É preciso esquecer que empregando simultaneamente, por exemplo, as alças 10 e 11, a melhor metade dos tiros feitos se espalhará numa profundidade de 300^m e em uma frente de cerca de 7^m,5 para aconselhar semelhante coisa..

É obvio que não ha fogo eficaz sem uma boa apreciação de distancias, problema tanto mais difficil quanto maior fôr a distancia, crescendo com esta os erros da apreciação, quer á simples vista, quer com o emprego de telemetros. Esta ultima, exigindo medição de bases e leituras de angulos, que são irrealisaveis sem pontos de referencia, torna-se, sobre tudo em operações de campanha, demasiadamente teorica. Por outro lado, nem todos os homens — bem longe disso — satisfazem aos requisitos essenciaes para serem utilizados como avaliadores de distancias; por isso mesmo, aqueles que dispuzerem desses dotes naturais devem recebêr uma instrução adequada e desenvolvida de modo a serem inteiramente aproveitadas as suas qualidades.

Varios estudos teoricos e praticos tem sido realizados com o fim de determinar a influencia do erro de alça sobre a vulnerabilidade das formações alvejadas; os resultados desses trabalhos podem exprimir-se pela fórmula seguinte:

A todas as distancias os erros de alça correspondentes a 1 — 1,5 — 2 — 2,5 desvfos provaveis produzem perdas de vulnerabilidade de 20, 40, 60, 70 %.

Daqui resulta que, praticamente, e tendo em atençaõ a extrema tensão das trajectorias, não ha inconveniente em empregar a alça de 100^m para as distancias abaixo de 400^m, a de 400^m para distancias de 400 a 600^m; ás maiores distancias é necessario empregar a alça exacta, porque, diminuindo com elas o desvio longitudinal provavel e a zona perigosa, erros relativamente pequenos podem determinar a ineficacia absoluta do fogo.

Sobre formações lineares, sem profundidade, são identicos os prejuizos resultantes do emprego de uma alça curta ou longa; sobre formações profundas o emprego de uma alça curta é mais desfavoravel que o emprego de uma alça longa.

E' claro que a distancia é avaliada — nem doutro modo é possivel — á parte anterior do objectivo; e é sabido que a eficacia do fogo será maxima quando o ponto medio do grupamento coincidir com o centro da formação, considerada a profundidade desta igual á soma da sua profundidade real com a da projecção segundo a $\text{tg } \theta$ da ultima fila sobre o plano horizontal. Assim, se supozermos uma colúna de costado, com a profundidade real de 14^m, cuja testa esteja a 900^m e se ati-

rarmos sobre ele com a alça de 800^m, como o desvio longitudinal provavel para esta distancia é de 104^m, concluiremos que a formação quasi não será atingida. Se, porém, tivessemos empregado a alça de 1.000^m, como a *profundidade acrescida* da formação seria de $14^m + \frac{1,66}{\text{tg}^{\theta}_{1000}} = 14 + \frac{1,66}{0,03836} =$
 $= 14 + 43 = 57^m$ verificaremos que, nesta hipotese, toda a formação está incluída no nucleo do grupamento, e, portanto, o fogo seria eficaz.

Insistamos mais um pouco neste ponto e suponhamos a mesma formação considerada, á distancia de 1550^m, sendo de 1500^m a alça empregada. Como a esta distancia o desvio longitudinal provavel (alça 1500^m) é de 79^m, encontraríamos uma vulnerabilidade de 1,62 ‰; empregando a alça de 1600^m, a vulnerabilidade achada seria de 3,23 ‰, o que mostra que o emprego simultaneo ou conjugado das alças de 1500^m e 1600^m representaria, comparado com o do emprego exclusivo da alça de 1600^m, um redução muito consideravel da eficacia do fogo.

Já no 1.^o destes dois exemplos verificáramos, apesar de se tratar de uma distancia inferior a 1000^m que o emprego da alça mais curta quasi equivalia a um fogo de polvora seca; o 2.^o, vem acabar de convencer-nos que o emprego das alças conjugadas não tem o direito de resuscitar.

Os inconvenientes de sucessivas e frequentes mudanças de alça e as dificuldades de rigorosa avaliação de distancias, encontram, felizmente, um precioso correctivo na extrema tensão das trajectorias, que nos permite desprezar «no fogo colectivo» a maioria das graduações da alça, recorrendo exclusivamente ao emprego das chamadas *alças de combate*, que asseguram sufficiente eficacia entre limites tanto mais largos quanto mais tensas são as trajectorias.

Um estudo mais desenvolvido deste tão interessante assunto não caberia nos limites de uma serie de artigos. Nem foi nosso intento exgotar o assunto ou elaborar qualquer coisa que se parecesse com um tralado sobre fogos colectivos; apenas procurámos, quanto em nossas minguadas forças coube, dar aos nossos camaradas da arma que nas bibliotecas ao seu

dispôr nada encontrassem sobre o assunto, umas ideias muito simples, que me limitei a *compilar*, e que os habilitem a evitar erros que muitas vezes terão, como nós, presenciado.

Foi este o nosso intuito e se o tivermos conseguido em relação a algum ou alguns, embora poucos, camaradas, esperamos que a grande maioria, que da leitura desta despretenhiosa prosa não carecia, nos perdoará o espaço que roubámos á Revista, em cujas paginas outrem teria versado o mesmo ou qualquer outro assunto com proficiência de que não dispomos.

Fevereiro de 1916.

GENIPRO DA CUNHA D'ÊÇA E ALMEIDA

Cap. d'infantaria e do S. E. M.



Influencia da imprensa periodica nas operações de guerra

A imprensa ocupa um lugar preponderante na vida publica em tempo de paz, mas em caso de guerra chega a ser um dos factores mais importantes.

Em tempo de guerra, a imprensa, graças aos modernos meios de comunicações, poderia publicar informações sobre a situação das tropas, as quaes que poderiam chegar prematuramente ao conhecimento do inimigo.

Uma imprensa de bom espirito nacional, não publicará intencionalmente informações prejudiciais ao seu país.

Frederico o Grande e Napoleão I compreenderam que era preciso vigiar os jornais durante a guerra, para que não dessem á publicidade informações sobre preparativos e acontecimentos belicos, que era importante manter em estricta reserva. Ambos souberam apreciar a importancia da imprensa, utilizando-a para divulgar noticias e opiniões que eles consideravam convenientes para os seus interesses.

Em numerosas oportunidades, Frederico o Grande fez publicar na imprensa desenvolvidas informações sobre batalhas, com o fim de levantar o animo da opinião publica e produzir nos adversarios o efeito desejado.

Diz-se que Napoleão não permitia que á imprensa chegasse qualquer informação que não tivesse passado pelas suas proprias mãos. Naquele tempo não havia correspondentes de campanha. Os diarios não podiam publicar senão o que Napoleão escrevia nos boletins. Estes eram redigidos tendo em conta o que era de interesse para a condução da guerra e na sua politica, e em numerosas ocasiões não correspondiam com exactidão á realidade das coisas.

Napoleão mandava examinar minuciosamente os jornais

ingleses por agentes especiais, e durante a guerra na Espanha, obteve frequentemente por este meio noticias de interesse.

Ao declarar-se a mobilização de 1870, o governo prussiano proibiu toda a especie de publicação sobre movimentos de tropas e preparativos militares. Os jornais alemães guardaram realmente exemplar silencio em julho de 1870, e a imprensa estrangeira tampouco publicou qualquer informação importante sobre os preparativos dos Estados alemães para a guerra. O reduzido numero de correspondentes que foram autorizados a seguir as operações, comprometeram-se a guardar o segredo militar.

Em 1870-71, a imprensa alemã soube guardar os segredos militares de modo exemplar.

Se hoje examinarmos os jornais desses anos de guerra, encontramos sómente duas especies de publicações: os relatos sem importancia militar, e as comunicações officiais destinadas á publicidade.

O Quartel mestre general do exercito, general von Podbielski, chegou a adquirir grande nomeada pelos telegramas officiais que se publicaram na imprensa de então.

Estas comunicações distinguiram-se pela rapidez da transmissão, pelo seu laconismo tipico e absoluta veracidade; não continham qualquer palavra que podesse deixar entrever qualquer coisa que fosse necessario manter em reserva. Este serviço de informações para a imprensa, teve pleno exito.

Se relermos hoje a colecção dos telegramas do grande quartel general, produz-nos a impressão de uma historia abreviada da guerra. Todas as noticias são de estricta veracidade. «Strasburgo capitulou». «Tomamos Toul», foram expressões usadas nas ditas informações.

O mesmo não succedeu em França. Apesar do governo ter ordenado uma estricta censura, esta não foi respeitada por causa da falta de severidade do Governo. Assim, aconteceu que os jornais franceses prestaram grandes serviços ao Estado Maior general alemão, publicando importantes informações sobre os movimentos do exercito francês e as intenções do comando em chefe.

O Estado maior prussiano soube já em 13 de agosto, que o exercito do marechal Mac-Mahon, derrotado em Worth, não havia retrocedido até Paris, mas que se tinha concentrado no

campo de Chalons, recebendo reforços de Paris. Varios jornais parisienses publicaram extensas informações sobre este facto.

Na guerra de 1904-05, os japoneses só admitiram um reduzido numero de correspondentes de campanha, mantendo-os a certa distancia do lugar em que se desenrolavam as operações, conseguindo além disso que as suas informações, embora carecessem de importancia militar, só fossem transmitidas depois de ultimados os acontecimentos decisivos.

No quartel general japonês organizou-se uma repartição especial para o serviço da imprensa. Nas grandes batalhas, os correspondentes tiveram que se conservar a consideravel distancia da linha de combate.

A imprensa japonêsa considerou um dever patriotico manter absoluto silencio sobre os transportes de tropas, combates, movimentos do exercito, etc., e a historia comprova o exito desta medida.

E' curioso o facto de que no exercito de operações russo apareceu um jornal especial, que chegou a ter larga tiragem. Este diário continha numerosas informações sobre a guerra, com minuciosos pormenores, e seguramente serviu de boa fonte de informação aos comandos japoneses.

No que se refere á viagem da esquadra russa do Baltico, ás ordens do almirante, todos os jornais do mundo continham informações detalhadas sobre as escalas que fazia e o estado em que se encontrava essa desgraçada esquadra. Os japoneses puderam seguir passo a passo os movimentos da dita esquadra. Em compensação reinava absoluto silencio acerca dos movimentos da esquadra japonêsa; a imprensa niponica não publicou informação alguma sobre operações militares navais; as estações telegraficas do Japão não admitiam nenhum telegrama que se podesse relacionar com a guerra.

Na guerra dos Balkans de 1912-13, os aliados balkanicos não só proibiram que a sua propria imprensa desse á publicidade informações relacionadas com a guerra, mas ainda mantiveram a distancia todos os correspondentes de guerra estrangeiros. Nos exercitos servio e grego não se admitiu nenhum correspondente; só no exercito bulgaro foi permitido que alguns seguissem as operações de longe. Os governos de Belgrado, Atenas e Sofia limitavam-se a dar publicidade ás laco-

nicas informações oficiais sobre os principais acontecimentos da guerra. Em consequencia d'isso, os turcos não conseguiram saber nada pela imprensa inimiga, acerca dos movimentos de tropas e intensões dos seus adversarios.

Esta guerra balkanica demonstra-nos claramente as exigencias modernas. Quanto mais se desenvolvia o serviço de comunicações e maior era a rapidez com que as noticias se transmitiam, tanto maior era o interesse que demonstravam os beligerantes para guardar os seus segredos.

No futuro, os governos das nações em guerra se verão na necessidade de proibir todas as informações que não tenham character official. Esta medida será adoptada pela generalidade dos países que não tomam parte no conflicto, mas para os beligerantes será uma lei ditada com interesse proprio.

Do exposto resulta que os comandos do exercito deverão contar com a importancia que a imprensa tem na guerra.

O problema das «Informações do teatro da guerra» ganhará em importancia quanto maior seja o desenvolvimento dos elementos modernos de comunicações (em especial da radiotelegrafia e telefonia). De futuro não se terá tão amplas informações sobre as operações, como succedeu nas guerras recentes. Uma das tarefas mais importantes do comando do exercito, consistirá em seleccionar o material de informações, para dar á publicidade aquilo que sirva para levantar o animo do povo e impedir que se publique o que seja necessario manter reservado.

(Tradução do *Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Chile*, por R.).

Os Dembos nos Anais de Angola e Congo

(1484-1912)

«E' proprio do homem dedicar-se constantemente á investigação da verdade».

CICERO.

«A historia faz conhecer as faltas dos seculos pasados para se evitarem as futuras.»

FREDERICO II, o GRANDE.

«Que meu filho leia e medite as guerras dos grandes capitães, porque é este o unico meio de aprender a fazê-las »

NAPOLEÃO I.

Palavras previas

Estes anais militares e administrativos são baseados quasi todos em elementos ineditos e no conhecimento da região dos Dembos.

Esta historia amplia consideravelmente, em termos mais precisos, aquéla que nos foi pedida pela nota do Quartel General de Angola, n.º 1199-D de 4-5-1912.

Procurando reportar estes anais ás mais remotas éras, reconhecemos não o podermos fazer sem acompanharmos os interessantes e mal conhecidos factos notaveis, de Angola e Congo, cuja historia é e será confusa e incompleta; e como, com poucas linhas mais, completariamos a relação dos acontecimentos memoraveis de Angola e Congo, sacrificamos um estilo mais agradavel a uma colecção mais util.

Sucedendo acharem-se estes factos, como dissemos, muito pouco vulgarizados, andando esparsos por crónicas diversas, de mistura com erros flagrantes quando se confrontam, notando-se isto mesmo em livros de nomeáda, cuja materia se tem como assente, crónicas estas todas antigas, confusas, incompletas e incapazes de bem se reconstituirem, não aparecendo um documento de conjunto que exceda meia duzia de

paginas de factos concretos; entendemos que prestaríamos mais um serviço coordenando esses factos o melhor que nos foi possível, segundo o permitiram os nossos muitos afazeres (com a brevidade propria de quem espera por dias a anunciada mobilisação) e dando-os á publicidade; até que, chegados aos tempos modernos, os Dembos nos aparecem uma região definida, seguindo então isoladamente o seu curso parcial e deixando nós de parte a historia de Angola dos nossos dias.

Por vezes julgamos curioso e até conveniente não escrever á moderna alguns nomes proprios antigos. Por exemplo Namboa-Gongo (hoje Naboangongo); Kakulo-Ka-Kahenda (hoje Caculo-Cahenda). Outros ha conveniencia em os modificar, por exemplo: Cavanga, que o gentio diz ser Cauanda, revelando-nos o mau gosto artistico de se empregar em português moderno o V por U, como faziam os romanos ou os lusitanos.

O leitor precisa de ligar estas diferenças cuja evolução grafica e fonética servem por vezes para deduições historico-geograficas importantes.

Tambem ha confusões tremendas, fazendo subsistir outras, como por exemplo: um estudioso que não chega a descobrir onde será Sáca, capital que foi oficialmente dos Dembos, e que nós descobrimos ser motivo apenas da falta de uma cedilha, de modo a ficar Sáça (ou Sassa).

Etc. Tudo isto, pequenas coisas de que zomba tanta gente que, pela sua posição, devia possuir um espirito culto.

O que escrevemos baseia-se no seguinte:

1.º—«Historia General das Guerras Angolanas». Consultamos este antigo livro e a sua transcrição no «Portugal em Africa», 1902 e «Memorias de Almirante Feio e Historia de Angola».

2.º—«De Angola á Contra-Costa» por Capelo e Ivens, 1886 — cujas narrativas são por seu turno em parte baseadas no livro italiano «Relatione del reamo di Congo», impresso em Roma em 1591 por Filipo Pigafeta, segundo os dados fornecidos por Duarte Lopes;—e «O rei do Congo», por Ribeiro da Fonseca (oficial que nesses sertões passou cinco anos.—*Revista Militar* n.ºs 10 e 11 — 1891).

3.º — «Historia Militar dos Dembos», constante do volume «A ocupação dos Dembos», por David Magno, enviado ao Quartel General de Angola com a nota n.º 534 de 30 de Setembro de 1912.

4.º — Autografos do arquivo do Quartel General de Angola, pastas de 1870 a 1872 e «Boletim Oficial de Angola» — 1872.

5.º — Pergaminhos do dembo Caculo Cahenda, transcritos no volume a que se refere o n.º 3.º e acauteladamente registados no livro de Ordens do Comando Militar de Lombige, 1912, escapando assim á perda para a historia, devido a esses documentos desaparecerem inesperadamente, um ano depois, devido aos acontecimentos constantes de pags. 354, 732 e 310 da «Ilustração Portuguesa» n.ºs 397 e 409 de 1913, e 420 de 1914.

6.º — «Breve noticia da região dos Dembos», pelo tenente João Henrique de Melo, 1907.

7.º — «Nouvelle Geographie Universelle» por Elisée Reclus, 1888.

8.º — Informações do secretario mais velho do Dembo Caculo Cahenda, tão preciosas que sem elas a nossa historia ficaria empobrecida, relativamente aos povos da região.

9.º — «Estatistica das Colonias Portuguezas», por Lopes de Lima, 1846; — «Dicionario popular», por M. Pinheiro Chagas, 1876; e — «Enciclopedia Portuguesa Ilustrada».

10.º — Finalmente, baseia-se em documentos de importancia restricta a cada acontecimento como são o «Relatorio das operações de 1907», e outros que se citam no decorrer da historia; em declarações escritas de pessoas que conheceram a região; e sobretudo no testemunho autorizado de David Magno, que ocupou a capital dos Dembos e foi ajudante da coluna de operações de 1913, tendo ali passado dois anos como comandante intensamente consagrado ao estudo da Historia e aos trabalhos pelo progresso da região (1909-1913); de modo que «Os Dembos nos Anais de Angola e Congo» *podem ser considerados como a soma, ou valiosa resultante, de tudo quanto se pode saber dessa interessantissima região*, notando, repetimos, que tudo quanto vai alem de uma duzia de folhas representa assunto inédito.

Se algum facto parecer que já é conhecido, como as ope-

rações de 1907, cujo Relatório foi publicado pela *Revista Militar*, a forma como esses acontecimentos agora se apresentam é contudo inteiramente nova, o que deve aumentar a curiosidade dos leitores.

Quanto aos acontecimentos que dizem respeito ao autôr, prejudicaríamos a Historia, se deixando-nos levar pela opinião dos que reclamam modestia (só para uso dos outros), os não descrevessemos, sepultando assim esses factos nas profundezas do esquecimento ou do nada, sem garantias de que eles nunca poderiam aparecer adulteradissimos ou desvirtuados.

I

Génese dos Dembos

Congo

Ao findar o seculo xv três grandes agremiações existiam no Continente Negro:—o lendario imperio do Preste João, de que o Velho Mundo tinha conhecimento muito vago e que absorve o constante cuidado de el-rei de Portugal, D. João II, para o descobrir e conhecer; o imperio do Monomopata, pelo oriente, que tambem os portugueses revelaram ao mundo civilisado; e o imperio do Congo, pelo ocidente, decerto o de maior numero de povos—o qual foi descobrir Diogo Cam, quando aquele soberano, em execução dos destinos da gloriosa historia portugêsa, proseguindo na expansão audaciosa «por mares nunca dantes navegados», por carta régia de 14 de abril de 1484, ordenou áquele navegador, que explorasse as costas do SO de Africa, em procura do venturoso caminho para a India.

Neste mesmo ano de 1484 descobriu o rio Zaire e na ponta de areia do lado sul da foz, o dito navegador estabeleceu, em 1485, um padrão de pedra denominado de S. Jorge, que atestasse ao mundo que esse territorio passava a pertencer á corôa de Portugal. O padrão ostentava de um lado o escudo portugês e do outro os nomes de D. João II e de Diogo Cam.

Este, desembarcando no porto de Pinda, proximo da mesma foz, estabeleceu logo relações com o respectivo chefe do principado do Songo, Sioh ou de Muene-Sonho, tio do Muene-

Congo (o rei), (região esta desde a margem esquerda do estuário do Zaire até meia distancia da Cabeça da Cobra, isto é o litoral do Mu-Sorongu) — relações que se propagaram á côrte do dito Mueni-Congo, Mani-Congo ou Né-Congo, então Nging'-a-Cum, pois naquêlo tempo os nossos destemidos navegadores sabiam tanto convencer com a palavra como derrotar com a espada.

«Muene» significa rei ou senhor, no Congo assim como ainda hoje nos Dembos, onde os chefes das povoações ou das suas terras são designados pelo nome delas, diferenciando-se o nome do chefe, do da terra, por «Muene» ou por «Qui». Exemplo: Qui-Zombo (o local); Muene-Zombo (o senhor).

O rei do Congo era um poderoso potentado que dominava directamente ou por suserania sobre esse vastissimo imperio, desde o Loango até ao Cabo Negro pelo litoral (compreendendo a NE o reino do Mikoko, de Anzicó ou Anzicana) se estendia ao Muene-Muezi, no Uniamezi, descendente de Luqueni ou Nimia-Luqueni, povos que tendo vindo parece que do Oriente, investiram com as terras do téchnús ou batchnu, avassalando os seus grupos dispersos, fundando este Estado.

Esse potentado, ao titulo de rei do Congo veio a reunir o de senhor da Monarquia dos Ambundos, da Mutamba ou Matamba (Ginga), de Angola, Macamba, Ocanga, Lula, Bamba, Ambuila, Zenza, Libôlo, Nane e Quissama, titulo este que abrange a região dos Dembos.

A pags. 384 da Geografia de Reclus vem um mapa antiquissimo,¹ que indica as posições relativas dos diferentes povos que formavam esse Estado a saber: De Norte para Sul, ao longo do litoral: país dos Ambus-Bramas, reino de Loango, Loangiri, reino de Cacongo, Cabinda, reino de Angoy, rio Zaire (ou Barbeta), condado do Sôngo, marquizado de Chiova, rio Ambriz, ducado de Bamba, rio Loge, rio Danda e rio Bengo ou Zenza (confins de Angola).

Zaire (corrução da palavra gentilica N'Zadi, reunião das aguas) foi o nome dado pelos portugueses a esse imenso rio, dos maiores do globo universalmente conhecido por rio Congo.

¹ Posterior a 1558, provavelmente de 1591.

De N para S, mais para o interior, esse Estado compreende: o país dos Bake-Bakes, a região do Pombo, rio Zaire ou (Barbeta), Banza ou S. Salvador na região propriamente dita do Congo, a bastantes quilómetros do rio; marquezado de Pemba, rio Danda.

Ainda mais para leste, e de N para S: reino de Anzico (rei Micôco); rio Bancaro (o Zaire), marquezado de Canga, rio Coango, *dembo Amulasse (principado independente), terras do Mani Ambuila, senhor dos Dembi, rios Loge e Danda*, devendo estas linhas sublinhadas, principalmente «dembo» e «Dembi» serem a origem de Dembos, país dos dembos.

Este mapa projecta muita luz retrospectiva e convem não lhe aporuguezar os nomes citados, para ficar a descoberto a evolução fonética da palavra que tantas vezes ainda está sujeita a alterações, devido a ser confusamente manuscrita e ás letras tipograficas que são facilmente trocadas.

Os primeiros ocupadores da região seriam os Ba-Congo da familia Bantu (diz-se dos idiomas africanos em que a flexão se faz por prefixos), conduzidos pelos Aluqueni, provenientes da Africa Central de NE para SO havendo afinidades entre a sua lingua e a de Zanzibar.

As tribus do Norte fazem parte dos Ba-Fyot, assim como os povos que vivem entre o Congo e o Chiloango, e dá-se-lhes tambem o nome geral de Congo, assim como ao rio cujas margens habitam.

Foram estes que fundaram o reino do Congo. Os Mu-Sorongos são irmãos daqueles que vivem ao N do Zaire, mas os Mu-Chicongo, Ba-Congo, Bamba, Muyolo e outros povos de raça «fiote» que sucedem ao sul do Baixo Congo até á bacia do M'Brich estão ligados áqueles apenas por uma ficticia vassalagem ao rei do Congo.

Dos rios Loge ao Caculovar, proximamente, estende-se o dominio glossolologico dos Bunda (Bundo, Bonde) que já teve quem dissesse significar «vencedores», derivado das invasões sucessivas da raça e das vitorias sobre os aborigenes.

Bundo, A-Bundo, Bim-Bundo, Kim-Bundo, Hem-Bundo ou Am-Bundo e representado pela familia dos Ba-Nano, ou Nanno, habitantes das regiões montanhosas ao sul do Quanza.

Os Bunda dos planaltos acompanhavam os negociantes em caravanas até ao interior de Africa; chamam-lhes tambem «pom-

beiros" assim como no Brasil, por causa de servirem de agentes ou emissarios, percorrendo os sertões para comprarem escravos.

O gentio da região actualmente denominada Dembos, fala o Kimbundo, com a entoação regional e muitas palavras fiótes, além de um sem numero de localidades com nomes congueses, como "banza", S. Antonio, Zombo, Loango, Muene, etc.

*

* *

Diogo Cam deixou ali alguns europeus como refens e trouxe para Lisboa o principe Caceita, dois filhos do Sonho e um outro indigena, os quais depois de educados no Convento de Santo Eloy e de batisados, sendo padrinhos do primeiro D. João II e a rainha D. Leonor, em Beja, voltaram ás terras do Zaire.

Em 1486, aquêlê navegador avançou para o Sul, descobrindo mais o reino de Benguela, estabelecendo padrões até ao Cabo Serra.

Em testemunho deste feito, levantou o padrão de S. Agostinho, junto ao rio Padrão, fronteiro ao ilhéu do Pina; na baía de Santa Maria, ao Sul de Benguela, e outro na manga das areias ou Cabo Negro.

Em 19 de dezembro de 1490, saiu de Lisboa a primeira expedição exploradora daquelas terras desconhecidas, composta de três navios comandados por Gonçalo de Sousa que, morrendo em viagem, legou a sua direcção a seu irmão Ruy de Sousa, e composta de cinco religiosos da ordem dos pré-gadores de Santo Eloy, um dos quais fr. D. Antonio (com muitos presentes para o rei do Congo), operarios e colonos, que faziam por levar a luz e a arte áquelas paragens.

Aportando tambem a Pinda, desembarcaram em Sonho e ali foram logo batisados, no dia 30 de abril, domingo de pascoa, o principe do Sonho, que recebeu o nome de Manoel e seus filhos o mais velho dos quais recebeu o de Antonio.

Um mês depois entrava Ruy de Sousa na "banza" (povoação onde reside a corte) do Mueni Congo, fundando ali (em Ambasse, depois S. Salvador) o primeiro estabelecimento português na Africa Equatorial, não tardando a serem tambem batisados o rei, sua mulher Mani-Mombada, o principe her-

deiro, que receberam os nomes dos monarcas e príncipe portugueses. Grande numero de fidalgos gentílicos e de povo foi seguindo o exemplo iniciando-se na religião dos brancos.

Reinava então como dissemos, Negin-a-Cum,¹ a quem Ruy de Sousa auxiliou eficazmente numa expedição contra os povos que se tinham revoltado no Alto Zaire, conhecidos por «mundaquetes» ou anzicos (provavelmente os modernos Batekes ou povos de Macôco) no intuito de os submeter á vassalagem, sendo desta época que data o descobrimento dos povos de Makoko. (A povoação de Macôco fica a N dos actuais nomes geograficos de Brazzaville e de Stanley-Pool).

Relações religiosas, militares e colonisadoras, tendo por emblema comum a *cruz e espada* se vincularam, de modo que, em 1493, o monarca do Congo, chamado Jovi² ou Sacuta³ prestou vassalagem, enviando para este fim a el-rei D. João II o seu embaixador Pero Manicongo que passados tempos voltou ao imperio acompanhado do residente portuguez João Soares.

Adoptou então o monarca africano o nome de D. João I, em honra de el-rei de Portugal, ao passo que D. João II acrescentava ao seu titulo o de—Senhor da Guiné.

Vacilou mais tarde a fé deste príncipe conguez, e esquecendo os preceitos cristãos, entregou-se de novo ao fétichismo, cometendo grandes selvagerias.

Em 1509, o seu sucessor, D. Afonso I (Mani Sundi ou antes N'Pemba-a-Negin-a) ofereceu todavia vassalagem ao rei de Portugal, que entre varios presentes lhe mandou um escudo de armas para ele, braços para os grandes do reino, e nomeou feitor e corregedor para S. Salvador, dando ao rei preto o tratamento de Senhoria.

A perseguição á idolatria feita por este rei fanatisado, no intuito de melhor implantar a religião cristã levando-a a fazer enterrar viva sua mãe, por ela não querer largar um idolo de marfim que adorava (manipanso), fez revoltar contra êle todos os grandes do reino.

Conseguiram os frades sufocar esta revolta, que ficou latente para explodir mais tarde.

¹ V. «O rei do Congo».

² V. «De Angola á Contra-Costa».

³ V. «Enciclopedia Portuguesa Ilustrada».

Em 1512, por via do seu embaixador Rodrigo Zacuteu escreveu a el-rei D. João II, manifestando-lhe o desejo de continuar seu vassalo e agradecendo-lhe o auxilio prestado pelos portuguezes na guerra com seu irmão Mani Pango (Pama ou Pansa) Aquitimo, que veio atacar S. Salvador com cem mil homens. Este D. Afonso, de tal modo se confiou dos portuguezes que partindo para fazer guerra aos «ambundos» sublevados no sul, deixou Alvaro Lopes, feitor do rei de Portugal ou do Muene-Puto (rei do Mar), como «capitão do seu Estado» (Carta do rei do Congo, de 4 de março de 1516).

Este soberano foi um verdadeiro apóstolo, dirigindo-se ao papa Paulo III pedindo-lhe missionarios e chegando a vêr um seu parente bispo de Utica. Edificou as egrejas de S. Salvador, com o orago de Vera-Cruz, da Senhora do Socôrro e de S. Tiago, concluindo por enviar seu filho primogenito para Lisboa, afim de o educar para rei, como de facto veio a ser, em 1521, com o nome de D. Pedro I¹ imitando seu pai, bem como depois o imitou se irmão D. Francisco² proclamado em 1530.

Em 1532 morreu este, legando a corôa a seu primo D. Diogo (Nepanzo-Aginga).

O fervor religioso proseguia, não faltando da nossa parte heroes e martires que se sacrificassem pela Fé e pela Patria. Os primeiros missionarios trez dominicanos de Portugal enviados nesta ocasião ao Continente Negro, em breve sucumbiram, dois vitimados pelo clima e o terceiro assassinado pelo gentio que mais tarde invadiu a região.

Diogo Cam, numa terceira viagem conduziu dose missionarios franciscanos, sendo em 3 de outubro de 1534 criado o bispado de S. Tomé e Congo.

Evidenciou-se o rei preto pela civilização portugueza que adoptou; pelo seu fausto, pela sua grande coragem, prudencia, espirito liberal e ferveroso zelo pelo cristianismo (narrativas de Merola). Em poucos anos o genio militar levou-o á conquista dos países visinhos, *sendo integrada nos seus estados a região entre o Dande e o Zenza, (mais tarde designada pelo nome de «Dembos»*).

¹ Segundo outros, D. André (Nebemb-á-Ganga).

² Idem, D. Garcia (Necang-á-Bemba).

Por morte de D. Diogo três foram as individuos a disputar a corôa: seu filho, que uma morte violenta veio a arrebatá-lo e que era detestado pelo povo; um príncipe de sangue real favorecido pelo povo, e um terceiro protegido pelos portugueses, além de muito poderosos senhores do reino. Como os partidos não chegassem a acôrdo, estes em breve foram mortos pelo partido contrario. Deu isto logar a que o gentio attribuisse estes males nacionais aos portugueses e por isso se insurgiu trucidando muitos que ali residiam.

Em 1540, foi então eleito D. Henrique, tio do defunto rei. Logo depois teve de declarar guerra aos «anzicos» ficando regendo D. Alvaro. Numa batalha a sorte foi adversa áquele, extinguindo-se a raça dos antigos reis do Congo.

Em 1542, D. Alvaro (Nenimi-Aluqueni-Suabamba) tinha vinte e seis anos, quando subiu ao trôno pelo voto geral da nação. No seu tempo teve logar um inquerito ao trafico da escravatura pelo rio Zaire do que resultou o rei do Congo pedir a manutenção desse trafico nos portos do sul.

Angola

Em 1558, D. Alvaro II (Nepanzu Animi) sucessôr daquêle, viu o Congo invadido por uma terrivel horda de nomadas e anthropophagos, vindas de léste, onde habitavam os Mane-muji, Muene-Muezi (no Unia-mezi (?)), invasão que principiando pela provincia de Batta, se estendeu até ao centro de Angola, tomando os invasôres o nome de Jácas (jaggas, de Djagga) no Congo, e de Gingas (jingas ou jindes) em Angola, destruindo Ambasse, Banza Congo e S. Salvador, incluindo a cathedral¹ e devastando tudo, comendo os proprios cadaveres das sepulturas, vendo-se D. Álvaro forçado a passar com o clero português e a principal nobreza do país a uma ilha do Zaire, onde tinhamos um forte.

* * *

Parece não haver duvidas² que todos estes povos, pertencem ao atraz referido tipo *bantu*, que juntamente com o tipo

¹ V. em «O Ocidente», 1882, a fotogravura das ruinas de Sé-Catedral.

² V. Relatorio do gov. da Lunda, A. A. Teixeira, 1909.

chilouk, foram os primeiros invasores *aditas*, de raça negra, que segundo os monogéistas, do planalto da Persia—do alto massiço asiático—desceram, muitos seculos antes da nossa era, á Arabia, donde uns, contornando o Mediterraneo, atingiram o Nilo, pelo isthmo de Suez, descendo por êle até á região elevada onde nasce o Nilo Branco e o Nilo Azul; e outros, seguindo o vale do Euphrates e a costa do golfo Persico, alcançaram primeiro esta mesma região, atravessando o Mar Vermelho no estreito Bab-el-Mondeb. Os que entraram nela pelo N., vindo em parte, selccionados, constituindo já um refugo social, que deixava atraz os melhores elementos, encontrando-a já ocupada por uma raça melhor organizada, dão origem ao tipo *chilouk* que se difunde, para N. e O., na região das florestas e das pastagens pobres do Nilo Branco, e na região onde se cultiva o sorgo. Os que penetraram por S. E., na região montanhosa do E. de Africa, sofrem aqui a selecção e, repudiando para o S. os contingentes inferiores, originaram o tipo *bantu*, cuja area de colonisação abrange toda a região ocidental ao S. do Zaize—hoje a região da mandioca, por nós portuguezes, introduzida em Africa—e as planicies da Africa Meridional. Este movimento emigratorio é mais rapido, provocando lutas, pois que uns terceiros invasores, mestiços de raça branca e negra—os segundos *aditas*—provenientes da Arabia, mais fortes e melhor organizados que os seus antecessores *bantus*, alcançaram com facilidade os planaltos ethiopicos, ocupados hoje, pelos seus decendentes: os abissinios, os galas e os massai.

Ao passo que o centro e o sul do continente africano eram invadidos por estes povos de raça negra, as regiões dos desertos do norte eram ocupados pelos de raça branca, tipo semita, como são as tribus patriarchais de pastores cavaleiros, camelieiros e vaqueiros, que ali existem.

Aquêles invasores de raça negritica, expulsaram do seu *habitat*, segundo algumas opiniões, os autochtones, representados hoje, por *busmen* ou *boschemans* e *hottentôtes*, segundo outros de raça amarela¹ rechassando-os para os desertos de Rahalari e pelos ba-cassequeres, pelos ba-kankalas, pelos ba-

¹ Preville—Les Sociétés Africaines

kuisse e, talvez pelos achas do equador, todos de pequena estatura, vivendo fragmentados e nomadas e dedicados á caça de que, juntamente com as raizes e fructos das arvores silvestres, se alimentam.

*

* *

Não são, pois, autoctones os *jingas* que invadiram o Congo como não são os restantes de Angola.

Uma das causas da invasão do Congo em 1558, dizem que foi o gentio de léste e do sul temer a propagação da religião e costumes dos brancos. A Geografia de Reclus diz: «A ultima das invasões foi a dos Djaga, nos meados do seculo XVI, já depois dos navegadores portugueses se estabelecerem no litoral, invasão que passou com uma torrente, destruindo os reinos e despedaçando os povos. Estes conquistadores consideram-se em geral irmãos dos Cafres e dos Zulus das regiões austrais.»

Esta invasão feriu de morte a cohesão, o prestigio e a prosperidade deste vasto imperio.

O rei do Congo enviou então seu primo D. Sebastião Alvares, a pedir auxilio ao Muene-Puto (rei do Mar) o qual lhe mandou uma frota com o valente capitão Francisco de Gouveia e seiscentos soldados. Este official permaneceu quatro anos no Congo, conseguindo restabelecer o monárca na sua capital. Data de este tempo a sessão feita pelo Muene-Congo aos portuguezes, desde Pinda até Loanda, retribuindo el-rei de Portugal, conferindo o titulo de conde ao Muene-Sonho; de marquez ao Muene-Pemba e de duque ao Muene-Bamba, honras estas para eles e seus successores.

O rei do Congo era tambem o senhor das regiões entre os rios Dange (Dande) e Quanza, as quais acabaram de ser conquistadas, como se viu, pelos tais invasôres vindos de léste, capitaneádos pelo Djagga N'Gola Zinga (Zimbo ou Ginga), regiões depois dilatadas pelas successivas conquistas do filho dêste, o N'Gola Bandi (ou Angola Bange) cujo nome (N'Gola) os subditos dêram ás regiões ocupâdas e transformaram insensivelmente em An-Gola, depois Angola, pertencente de direito, como se vê, ao rei do Congo, inclusivamente Loanda, cujos nativos negociavam com os colonos portuguezes de S. Tomé.

Por causa dos interesses estabeleceu-se a intriga entre o rei do Congo e o N'Gola (rei de Angola), potentado este que mandando a bordo das nossas naus chamar os portugueses, enviou tambem a Lisboa uns embaixadores pretos solicitar a nossa amisade, nos mesmos termos do rei do Congo.

Em 1559, os "gingas" ou "angolas" estavam de posse da barra do Dande, estendendo-se para o interior de Loanda, entre o Cuanza e o Zenza (ou Bengo).

A grande maioria dos negros de N'Gola (Angola) pertence ao referido grupo das nações "bantus". No mesmo gentio, no do Congo e no do Ogo-ue se encontram tambem descendentes de raças que dominavam a Africa, quando esta era ainda povoada por povos tão primitivos que desconheciam certas plantas alimenticias originarias da Asia e da America.

Quando o rei de Angola se dirigiu a el-rei de Portugal fallecia D. João III pelo que os atendeu a rainha D. Catarina que em fins de 1559, com os embaixadores do N'Gola, expediu Paulo Dias de Novais (neto de Bartolomeu Dias).

Em 1560 (maio) aportou á barra do Quanza e partiu para a capital do N'Dongo, que era o dito N'Gola Bandi (Angola Bange).

Em 1572, o rei do Congo, auxiliado pelos portugueses, enviou um exercito contra o conquistador An-Gola. Depois de varios encontros, ajustaram as pazes, continuando o rei do Congo sómente com a ilha de Loanda, onde colhia o buzio chamado "zimbo", que lhe servia de moéda.

Este N'Gola temendo um sóba que lhe fazia guerra, pediu a Paulo Dias que lhe obtivesse de Portugal mais valiosos auxilios. Voltou então á patria.

Assentou-se logo na armada a expedir, que todavia teve de adiar a partida até fins de 1574.

Em 23 de outubro deste referido ano, saú essa expedição indo nela Paulo Dias de Novais, com os titulos e honras de conquistador, povoador e primeiro governador e capitão-mór da conquista do reino de Angola, com largos podêres para repartir as terras conquistadas.

Iam com êle setecentos homens, sendo trezentos e cincoenta de armas e outros tantos de officios, mercadôres, padres, etc. Três meses e meio depois, em 1575, avistou a foz do Quanza, entrou pela barra de Corimba, então acessivel e

desembarcou com toda a solenidade na ilha de Loanda, pertencente como se disse, ao rei do Congo.

Este primeiro governador de Angola tomou posse da ilha em nome de el-rei D. Sebastião, e entrou em negociações com o rei de Angola, que permitiu que a expedição, em princípios de 1576, passasse ao Continente e fundasse uma colonia, na elevação ao sul de Loanda, a que deu o nome de S. Paulo (santo do seu nome).

Nêste môro edificou desde logo uma capela consagrada a S. Sebastião, passando a chamar á nova vila ou colonia S. Paulo de Loanda (nome este da ilha) e intitulado-se êle governador e capitão-mór do novo Reino de Sibáste, na Conquista da Ethiopia.

Paulo Dias de Novais, tão habil conquistador como diplomata, três anos se entretteve a familiarizar a nova colonia europeia com o gentio, o qual depressa se prestou a coadjuval-o com numerosas hostes de frêcheiros, praticos na guerra no mato e na caça ás empacássas (bufalos bravos). De isto lhes veio a classificação militar de "empacaceiros" e de "gente de guerra preta" (escalão abaixo da moderna segunda linha).

Como se viu, este gentio era antropófago, transportando-se com facilidade para qualquer parte, sem atenção a distancia e sómente a agua. Tão ameaçada esteve a raça de desaparecer, devorados uns pelos outros, que, diz a lenda, se formou entre eles uma sociedade secreta, a dos tais empacaceiros ou caçadores de búfalos, que juraram comer carne sómente de animais da floresta. Diz Reclus: "uma cauda de bufalo em volta da cabeça e argolas de couro nos braços e nas pernas, distinguíam esta irmandade".

Em 1577, os portugueses fundam no interior de Loanda a povoação de Calumbo.

Em 1578, D. Alvaro II, rei do Congo manda o seu lugar tenente ou generalissimo D. Sebastião, duque de Bamba, com cincoenta mil congueses, acompanhado de cento e cincoenta portugueses e duas peças, auxiliar aquele primeiro governador de Angola, contra um exercito angolense, que foi derrotado na celebre batalha de Anzéle.

Em 1581, tem lugar a conquista de Ilamba e de parte da provincia da Quissama (Quissimana).

Em 2 de fevereiro de 1583, trezentos portugueses e alguns

negros frêcheiros destroçam o exercito de Angola, comandando os nossos o coronel Paulo Pinheiro de Lacerda, tendo o dito D. Alvaro, enviado numerosos «ba-xicongo» a Cambambe, com o fim de coadjuvarem os portugueses que se achavam em defesa daquela praça, em numero de quinhentos.

Neste mesmo ano de 1583, o governador D. Jeronimo de Almeida, submete a Quissama, fundando o presidio de Adenda (ou Demba), sessenta qm. ao sul do Quanza e a outros tantos do mar, junto ás minas de sal gêma.

Em 1583, funda-se o presidio de Massangano. 1.º Capitão-mór da região, Diogo Fernandes Machado.

Em 1586, conquista-se o Golungo.

Em 1587, funda-se o presidio de Benguela-Velha, seguidamente ao que, em 1589, em Massangano, morre Paulo Dias de Novais (transferido vinte anos depois para a Igreja dos Jesuitas em S. Paulo de Loanda).

Em 28 de dezembro de 1590, junto do rio Lucála, os portugueses comandados por Luiz Serrão, sofrem uma derrota infligida pelos reis do Dongo (Angola) e Matamba (Ginga), recolhendo a Massangano, que foi cercada até ser socorrida em 1591.

De 1591-1592, os sóbas de Ilamba rendem-se a André Ferreira Pereira.

Em 22 de abril de 1594, sofrêmos outra derrota, na Quissama.

Reinava ainda D. Alvaro II do Congo que manteve sempre com os soberanos de Portugal, sucessivamente D. Sebastião, cardeal D. Henrique e Filipe II, as melhores relações, dirigindo-se-lhe por varios embaixadores e nos ultimos tempos pelo proprio Duarte Lopes, que forneceu os dados para o livro italiano, impresso em 1591 «Relatione del Reamo di Congo» — quando, por bula de 20 de maio de 1595, se separou o bispado do Congo do de S. Tomé, ficando a Sé em S. Salvador do Congo, elevada a catedral pelo papa Urbano VIII, chegando a serem bispos daqui dois principes pretos, educados em Roma, um dos quais foi D. Luiz de S. Salvador (Neguimi-a-Bemba).

Em 1597, os Quissamas cercaram Massangano sendo castigados.

De 1598-1599, fundação do presidio de Muxima, depois mudado. 1.º Capitão-mór e governador da fortaleza, Antonio de Abreu de Miranda.

Em 1599, ocupação do porto de Pinda, na fóz do Zaire, por pirátas holandeses.

Em 1602, ao governador João Furtado de Mendonça, rendem-se os sóbas de Icolo e Bengo.

Em 1603, ao entrar em guerra com o sóba Cafuxe, sucumbe o governador João Rodrigues Coutinho.

Em 1604, o governador Manuel Cerveira Pereira avassala o dito Cafuxe e Axilabanza, e funda o presidio de Cambambe. A vila de Loanda toma o fôro de cidade.

Em 1609, derrota dos corsarios holandeses que tentavam fortificar-se no porto de Pinda.

Em 1610, D. Alvaro II, encerrava o seu reinado menos simpaticamente: indo Antonio Gonçalves Pita tratar com êle da construção do forte de Pinda, a fim de sacudir por uma vez os holandeses dali, o rei procedeu com evasivas, escrevendo ao mesmo tempo ao Muene-Sonho para que lhe enviasse uma carta a Mauricio de Nassau, governador holandês.

Portugal tinha perdido a sua independencia real, e as nossas colonias já então cubiçadas, especialmente o Brazil, cujo clima facilitava a maior parte da nossa acção colonizadora, foram por esta ocasião caíndo em poder dos holandeses (sob o pretexto de nos protegerem contra os hespanhois), incluindo o Congo.

Em 1611, vitoria sobre o rei de Angola e seu aliado Quilonga, governando Bento Banha Cardoso.

Em 1613, destruição e sujeição dos sóbas confederados e captiveiro dos sóbas da Quissama.

Em 1614, subiu ao trôno do Congo, D. Bernardo I (irmão do antecessor), sendo este assassinado pelas mãos do duque de Bamba, na ermida de St.^o Antonio, do que resultou poucos meses depois subir ao trono um sobrinho (filho de D. Alvaro) o qual adoptou o nome de Alvaro III (Nemi-Apanzu).

(Continúa)

Obras oferecidas

- 1 **Carteira do graduado em campanha** — Aplicação dos regulamentos táticos e de campanha a casos concretos, por JOÃO ANTONIO CORREIA DOS SANTOS, capitão de infantaria, habilitado com o curso de Estado Maior, professor do Colegio Militar. — 2 vol. (0^m,16×0^m,10), com numeração variada—Lisboa, 1916. Preço \$80.

Seria injusto negar ao autor preciosos dotes de amor ao trabalho, variada leitura e ardente dedicação pela carreira que segue, meritos que frequentemente se revelam pela actividade da sua palavra, ora falada, ora escrita, com a qual busca sempre ministrar, aos que o escutam ou lêem, conhecimentos que lhes enriqueça a cultura, ou seja das sciencias naturais ou militares, ou ainda dos processos a adoptar para o mais conveniente desenvolvimento da instrução.

Ainda ha bem pouco tempo, démos neste mesmo lugar noticia de alguns trabalhos produzidos por aquele nosso esclarecido e infatigavel camarada, e já hoje temos de voltar a referir-nos a nova produção sua, na qual mantém o nobre fito doutrinador.

Desde que lhe constou, se deveria reunir no campo de Tancos uma divisão afim de se preparar convenientemente para, sendo mister, intervir na guerra, que vai travada no mundo, mas mais especialmente na Europa, o sr. capitão Correia dos Santos concebeu a ideia de elaborar um livro, no qual fossem claramente expostos os principios fundamentais da tactica, aos militares que tivessem incompleto conhecimento, quer dos respectivos regulamentos quer dos de campanha, afim de que podessem aproveitá-lo os que devessem formar parte dos quadros da referida divisão, e o necessitassem. Da concepção da ideia á sua execução pouco demorou, porque a ardencia no trabalho é, como já dissémos, uma das características mais frisantes do seu espirito. Escusava o autor de o confessar, porque no proprio dispositivo do seu livro se revela, que os quartos escritos no silencio do seu gabinete de trabalho breve passaram deste para a officina, na qual deviam transformar-se em composição tipografica.

Favorecia-o, demais, a circumstancia de ter bem vívidos na memoria os principios fundamentais da tactica, que havia recordado consultando com disvelo as obras e os regulamentos, que os continham, para assim mais dignamente exercer as funções, a que havia sido chamado como habilitação para a promoção ao posto immediato.

Esses principios foi os que o autor divulgou no seu livro, por meio de casos concretos, por ser este o melhor processo de serem compreendi-

dos e fixados. Mas não se limitou a expôr restritamente os principios tacticos, porque o leitor encontrará, de envolta com estes, muitas informações, que se torna necessario serem conhecidas dos graduados no desenvolvimento de uma campanha, sem esquecer, sequer, os referentes á higiene e aos primeiros cuidados sanitarios a empregar na ausencia do profissional competente.

Como se vê desta breve indicação, é um livro util, cuja leitura fructificará sempre. Os doutos terão occasião de recordar; os menos cultos, de aprender. Póde ser, e o proprio autor o não contesta, que na precipitação da urdidura haja sido cometida uma ou outra irregularidade, que uma mais detida atenção evitaria, mas o facto não prejudica o fim que houve na publicação da *Carteira do graduado*, cujo acolhimento lisonjeiro lhe assegura novas edições, em que devem desaparecer quaisquer incorrecções, que os meticulosos acusem.

- 2 **O Ataque a Chaves**, por JOAQUIM LEITÃO, com numerosas figuras e um croquis do terreno do combate. 1 vol. (0^m,19×0^m,12) com 249 pag —Porto, 1916 —Preço \$80.

O presente volume constitui o 9.^o de uma colecção, na qual o autor procura descrever o movimentado periodo da vida politica portugêsa, que tem decorrido desde 1908, colecção que é subordinada ao titulo genérico—Uma Época.

Lutador infatigavel pela causa a que votou toda a sua actividade intellectual e física, com larga experiencia dos processos proprios para interessar o espirito dos leitores, e esclarecido, o sr. Joaquim Leitão tem conseguido conquistar a atenção do publico, que lê, pelos seus trabalhos, porque é sempre interessante e necessario, para formar um juizo seguro, ouvir o que se alega por parte das parcialidades, que se degladiam.

A *Revista Militar*, o mais antigo jornal da especialidade existente no mundo, e tambem o mais antigo jornal portugês de publicação ininterrupta, que durante tão larga existencia, nem uma só vez se pronunciou nas lutas politicas, que tanto têm dilacerado o país, mantém a rigidez do seu programa essencialmente militar, abstendo-se de fazer considerações sobre a parte politica do livro do sr. Joaquim Leitão.

Mas seria ela injusta, e mal corresponderia á delicada atenção, que mereceu a este escritor, se não acusasse sequer a publicação do livro que lhe foi oferecido com uma benevolente dedicatória, e não voltasse a repetir, por ser principio reconhecido de logica, que os factos sociais, para serem devidamente conhecidos e apreciados, devem ser encarados sob os seus variados pontos de vista.

Este processo de critica tem mais severa applicação á historia militar e, por isso, não duvidamos reconhecer que o *Ataque a Chaves* terá de ser devidamente compulsado por quem, de futuro, se propozer fazer a historia das nossas lutas civis, ocasionadas pela mudança de regime, por isso que contém informações ineditas, apoiadas em testemunhos pessoais, que convém atender e apreciar. Não ha perigo para as presentes instituições em o reconhecer, porque nas conflagrações sociais o que importa é vencer, e este resultado está obtido.

3 **Operaciones Militares en la Sierra** — Teniente coronel M. C. BONILLA — 1 opusc. (0^m.21×0^m.13) de 39 pags. — Lima (Perú), 1916.

O autor, que é um distinto oficial peruano, serviu no exercito francês, em missão determinada pelo governo do seu país, tomando parte nas marchas e manobras alpinas, que se executaram na Alta Saboia, no decurso de 1911, ás quais se seguiram as operações da 55.^a brigada na mesma região, e as da 28.^a divisão, na Saboia, em que igualmente tomou parte.

O opusculo, agora publicado, constitui o relatório que, sobre o assunto, aquele oficial teve de dirigir aos seus superiores hierarquicos, cuja importancia estes tiveram ocasião de apreciar, porque as manobras alpinas poderão servir de tema para outras analogas, executadas nos altos e abruptos Andes.

Nos regulamentos peruanos não estão prescritos os principios, que regem as operações militares nas regiões montanhosas, mas é certo que o assunto tem sido estudado e apreciado devidamente nas regiões officiais, onde se conserva, por assim dizer, em estado latente. Emquanto que na Europa as regiões montanhosas, que têm servido de teatro de guerra, são poucas, no Perú abundam, o que torna indispensavel a regulamentação das respectivas operações, não copiando a legislação estrangeira, mas adaptando-a ás circunstancias do país.

Tal a razão porque o sr. Tenente coronel Bonilla seguiu com o maior interesse as operações alpinas, que descreve, e porque julgou ser util dar conhecimento do que viu e das suas apreciações pessoais, para proveito da devida preparação do exercito, de que é digno ornamento.

O seu relatório, que constitui um documento modelar na especie, consta de três partes. Refere-se o primeiro aos processos de combate. O segundo ás marchas. O terceiro, á organização da acção offensiva. Todos estes pontos são tratados com esmero, sendo apontados os principios que os regem, com sobriedade, sem explanações inúteis, e com extrema clareza. Em tão poucas paginas não seria facil condensar maior porção de doutrina, toda util e succulenta. Sobre o opusculo em questão poderá bordar-se facilmente um excelente regulamento ácerca de operações militares nas regiões montanhosas, se é que êle proprio, salva a forma, o não constitui, apesar do autor denominar apenas de — «notas» — o seu excelente trabalho, que merece o aplauso de quantos presam os estudos taticos.

4 **Tohtli** — Organó de la Escuela Nacional de Aviación — Mexico, 1916.

É um jornal dedicado expressamente ao estudo da aviação, sendo sob este ponto de vista verdadeiramente notavel, a avaliar pelo seu n.º 4, correspondente a 30 de abril ultimo, unico que nos foi remetido.

Contém variados artigos da especialidade, oferecendo informações numerosas e valiosas, todas devidamente ilustradas com numerosas e nítidas figuras, vistas, etc. O seu corpo de redacção é formado por dez esbeltos individuos, alguns officiais do exercito mexicano, todos na força da

vida, cujos retratos o jornal apresenta. Sentimos que do número, que temos presente, não possamos deduzir quaisquer outras informações para conhecimento dos especialistas.

- 5 **Manifestos da Junta Patriótica do Norte** — Folhas volantes. — Porto, 1916.

São três esses manifestos, que nos foram enviados para serem reproduzidos, nos quais se procura levantar o espírito publico para vingar o ultraje que nos foi feito pela Alemanha com os termos da sua declaração de guerra. A sua extensão não permite que possamos satisfazer ao convite da transcrição, que nos foi feito pelos promotores dessa propaganda, mas ao que entendemos não dever faltar é a chamar a atenção dos nossos leitores para as publicações referidas, que nos merecem particular consideração, como tudo quanto tenda a exaltar o patriotismo nacional.

- 6 **Ao povo português — A Guerra** — Manifesto da Junta Nacional de Propaganda Patriótica — Folha volante — Lisboa, 1916.

Tem a natureza e fins dos precedentes, o manifesto cuja recepção igualmente anunciamos, e que sabemos haver tido larga publicidade nas regiões militares. Destina-se a explicar os motivos pelos quais Portugal está em guerra com a Alemanha, a descrever a historia da aliança luso-inglesa, e a justificar a nossa attitude em face da guerra, a que assistimos vai para três anos. E' igualmente uma publicação patriótica, que merece, como tal, toda a nossa consideração, sentindo que as suas dimensões não permitam que a transcrevamos nas nossas colunas. Pedimos, porém, para ela a atenção das pessoas, que ainda a não leram.

M. S.

- 7 **The International Digest. Annual. A Review of the current Literature of Military Science for 1915.** — Cumulated from the Monthly Issues of the International Military Digest. Cumulative Digest Corporation. New York City 1916. In-4.º, 390 paginas.

Quando o primeiro fasciculo desta notavel publicação veio a público, dissemos que a imprensa militar nunca tinha produzido no género periódico nada mais interessante, nem mais util. Ao que então escrevemos, não temos agora senão a acrescentar que a realidade excede a nossa expectativa, pois o volume que o correio nos trouxe recentemente, condensação dos fasciculos relativos ao ano de 1915, é, ao mesmo tempo que um valiosissimo auxiliar para o estudante das questões militares, um documento eloquente do que pode e consegue o extraordinario povo norte-americano. De facto este volume, o primeiro que se publica das séries anuais, — pois que, como em tempo dissemos, esta publicação, além dos fasciculos mensais, tem tomos trimestrais, semestrais e anuais, — include nas suas 390 paginas de magnifico papel e letra meuda e cerrada, extra-

ctos de artigos sobre todas as questões militares tratadas pelos diferentes periódicos técnicos, incluindo mesmo os portugueses, e como no lapso dum ano, mórmente nos agitados tempos de guerra que atravessámos, questão alguma ficou por debater, pode-se dizer que nada falta naquelas paginas. O *Digest* segue a ordem alfabetica, sendo o seu primeiro artigo — *Aeronautica* e o último, *Zeppelins*.

Depois de exporem as dificuldades que tiveram de vencer por causa do estado de guerra na Europa, os editores dizem que o tratado de paz será o sinal da publicação de novos periódicos militares em todas as nações e que, mais ainda do que agora, o *Digest* resolverá para os officiaes os problemas da lingua e do volume, o que quer dizer que porá sob os olhos dos seus leitores, num número de páginas relativamente pequeno, artigos que doutro modo não poderiam ler, porque lho impediria o desconhecimento das linguas em que muitos dêles são escritos.

T. B.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Esquadras aereas de zeppelins. — O ataque á Inglaterra pela esquadrilla alemã de zeppelins efectuado em 31 de janeiro ultimo, foi, na opinião de muitos, a operação de guerra melhor organizada, desde que começou a campanha europeia.

A esquadra era composta de um dirigivel almirante e 6 outros mais, todos do mesmo tipo. Permaneceram em territorio inglês mais de 12 horas, desde as 4 1/2 da tarde até ás 5 da madrugada do dia seguinte, percorrendo grande extensão de território.

Este raid ocasionou numerosos destroços materiais, 59 mortos e 101 feridos, tendo os alemães a perda dum dos zeppelins, que naufragou no mar do norte no regresso.

Todos os dirigiveis iam munidos de aparelhos de telegraphia sem fios, para communicarem entre si e com as estações de terra, determinando a sua situação por meio de «espaciometro», ou por meio de processos astronomicos, medindo alturas de estrelas com o quadrante de nivel ou «libellen quadrante», empregado pela aeronautica alemã. Para facilitar a sua orientação noturna no regresso, estão instalados em varios pontos da Alemanha, farois que despedem um gaz de luz vertical e dois horisontais.

Estados-Unidos

As trincheiras na guerra de Secessão. — A guerra actual, cujo caracter de guerra de sitio em pleno campo tanto surpreendeu, teve precedentes na historia, pois apresenta uma singular analogia com a guerra de *Secessão* dos Es-

tados-Unidos, a qual foi também uma guerra de «exterminio», que durou 4 anos, e nos quais, á força de energia, perseverança e resistencia, os federais, com efectivos reduzidos, conseguiram aniquilar e conter por completo os adversarios, cuja força militar era a principio muito superior á sua, transformando-se, por isso, a luta em uma guerra de trincheiras.

Victor de Broglie, visitou os campos de batalha de Bichmond e Peterburgo e nas cartas que escreveu a seu pai, descreve essas inumeras linhas de trincheiras.

Eis um extracto dos seus relatos :

«As linhas compunham-se de uma serie de fortes, de baterias ligadas por entrincheiramentos. Constavam estes dum largo e profundo fosso e um para-peito.

«A terra era interiormente sustentada por solidos trabalhos de madeira; os fortins e baterias também eram em madeira.

«As ditas obras dispunham de casamatas blindadas e de obras avançadas.

«A linha de entrincheiramentos estendia-se pela planicie para um e outro lado até se perder de vista. As linhas do exercito federal, situado em frente de Peterburgo, tinham 15 milhas de extensão e nelas se apoiou o exercito de Potumac que, durante 10 meses, sitiou a dita povoação.

«As operações desenvolveram-se muito lentamente. Grant, quiz segurar-se antes de atacar. Durante 10 meses fortificou sem cessar as suas posições, e enfraqueceu as contrárias com vários ataques parciais. Tratou de entreter na sua frente a maior parte das tropas confederadas, enquanto davam resultado as operações que os outros generais, sob a sua direcção, executavam, para deste modo apertar o inimigo em um circulo do qual não se podia escapar. O plano realizou-se felizmente, e no momento oportuno deu o golpe decisivo, com extraordinario vigor, que obteve otimo resultado».

França

Excavação mecanica das trincheiras. — Na guerra actual constroem-se as trincheiras por meio de um arado de motor que se arrasta applicando-lhe um armão ordinario, ou utilizando a tração automovel. Por este processo a terra extraída vai-se acumulando para um lado, formando assim um para-peito que pode ser utilizado imediatamente.

O aparelho trabalha com a velocidade de mil voltas por minuto, por mais compactos que sejam os terrenos.

DIVERSOS

Canhões de aeroplanos. — Ainda antes da guerra tinham-se ensaiado algumas peças de artilharia para aeroplanos, mas as experiencias não deram resultado satisfatorio em absoluto.

Nestas experiencias realizadas em tempo de paz para o armamento de aeroplanos, não se usaram calibres maiores do que 37 milímetros. Só depois de começada a guerra, com a aparição de novos aeroplanos militares, sucederam as opiniões acêrca do seu armamento.

O fabrico sobretudo, realiza todo o genero de esforços para recuperar a superioridade aerea perdida.

Os novos aeroplanos-canhões (aviões-canhões), além de transportarem a metralhadora usual, possuem um canhão automatico de 37 milímetros, montado na parte superior do aparelho.

A maior peça usada em França nos aeroplanos, é de 6 libras, assente sobre uma maquina de 2:000 cavalos, que proporciona ao aparelho uma velocidade de 136 kilometros por hora. Os aeroplanos militares ingleses levam peças de 42^{mm} de calibre (1 1/2 libras); a velocidade do aparelho atinge 120 kilometros por hora.

A Italia dá a preferencia a uma peça de 3/4 de libra, 25 milímetros.

Munições consumidas na guerra actual. — Tem-se dito muitas vezes que o consumo de munições nas actuais frentes da batalha era assombroso; mas o contraste é ainda maior se compararmos o enorme consumo das bocas dos beligerantes, com as quantidades de munições gastas nas guerras precedentes.

Assim, temos que a artilharia alemã, superior á francêsa em 1870-71, nunca disparou durante uma batalha mais de 200 projecteis por peça. Na guerra russo-japonêsa, o termo médio do consumo foi o dobro.

Durante a batalha de Lushitshao, uma bateria russa chegou a disparar 522 projecteis.

No total da campanha de 1870, a artilharia alemã disparou aproximadamente 817:000 projecteis dos quais 479:000 foram lançados contra fortalezas francêsas e 338:000 em campo raso.

A decima parte deste numero, representa os projecteis lançados durante a batalha de Saint Privat, que foi a que consumiu mais projecteis em toda a guerra.

Na guerra russo-japonêsa, mais longa, mas em que o numero de combatentes era tambem inferior, e em que os combates se realizavam com maiores intervalos, só a artilharia disparou 954:000 granadas, na sua maior parte com canhões de campanha.

Pelo que respeita á guerra actual, falham tambem indicações precisas. Não obstante, por alguns factos conhecidos e oficialmente registados, pode-se deduzir que o consumo de munições excedeu todos os calculos que haviam sido feitos.

Sucedeu, por exemplo, que em um unico dia, um dos beligerantes lançou mais de 100:000 em uma frente de 8 kilometros. O numero de tiros que meteu de frente é, termo médio, 6 vezes superior ao dos dias em que a luta foi mais encarniçada durante a guerra de 1870.

Calculou-se, segundo os comunicados russos, que os alemães, nas batalhas de Galitzia, lançaram 700:000 projecteis, os quais foram transportados em 1:000 vagon.

Segundo um comunicado francês de 17 de junho de 1915, a artilharia disparou contra as forças alemãs ao norte de Arras, em um unico dia, 300:060 projecteis, isto é, quasi tanto como toda a artilharia alemã durante a guerra de 70.

O peso destes 300:000 projecteis pode ser avaliado em 4.500:000 kilogramas, donde resulta que o seu transporte exigiu mais de 300 grandes forções, ou sejam mais de 6 comboios com 50 vagon cada um.

Se tivessem sido transportados por estradas, seriam precisas 4:000 viaturas puchadas por 24:000 solípedes.

A guerra de trincheiras prevista por um estrategico francês. — O celebre general Bonnal, autor de muitas obras importantes militares, escreveu no *L'Intransigent*, a respeito da actual guerra de trincheiras «que nada suspeitava a força extraordinaria, das linhas fortificadas em campo aberto».

O tenente coronel de artilharia francesa, Mayer, actualmente mobilizado, manifestou, porém, em maio de 1902, em um artigo publicado na *Revue militaire suisse*, sob o pseudonimo de «Emilio Monceau», quais seriam, em sua opinião, as características da proxima guerra.

«Seria, segundo o tenente-coronel Mayer, uma luta entre duas linhas fortificadas paralelas, igualmente impotentes no sentido da frente.

«Uma dessas linhas, profetisava o autor, não podendo conseguir romper de frente, tratará de tornear a outra.

«Esta, por sua vez, prolongará a sua frente á medida que o seu efectivo o permita. Pelo menos as coisas passar-se-hão desta forma, se poder desenvolver-se indefinidamente.

«Mas a Natureza apresenta obstaculos. A linha parará em um ponto de apoio, isto é, um mar, numa montanha ou na fronteira de uma nação neutral».

O artigo profetico do tenente-coronel Mayer, publicado em 1912, conclue assim: «... verter se-ha todavia sangue, muito sangue, e não somente dinheiro».

«Haverá, além disso, necessidade de previsão, calma, audacia e até espirito de ofensiva na defensiva.

«Mais que nunca as tropas, o comando, o povo, terão que desenvolver energia.

«Mais que nunca o saber profissional será necessario aos officiais e soldados.

«E ha que se preparar, redobrando de ardor nas peores eventualidades.

«Mas não é para duvidar que a fisionomia das batalhas se tenha mudado».

As anteriores observações não necessitam comentarios.

Farinha de banana. — Quando, em consequencia da guerra europeia, profundo abalo houve nos mercados, elevando o preço dos generos alimenticios, tratou-se desde logo das substituições respectivas de toda a especie. Entre os sucedaneos imaginados era com frequencia mencionada a farinha de banana, que chegou mesmo a adquirir certa fama, principalmente nos mercados das nações envolvidas na gigantesca luta, embora semelhante substancia, sob o ponto de vista da panificação, não possa substituir satisfatoriamente a farinha de trigo.

E' interessante o modo como surgiu a ideia da utilização da farinha de banana. A sua origem é devida á antiga crença, existente nos países tropicais, de que o uso desse fruto, aí abundante, curava a tuberculose, havendo mesmo alguns medicos, que se haviam ocupado do assunto, feito experiencias tendentes a confirmar ou desmentir a referida asserção. Mas, desde logo ficou

demonstrado que a banana nenhuma influencia exercia sobre o bacillo da tuberculose, salvo a de comunicar-lhe maior vitalidade; em compensação, porém, ficou provado que, a farinha respectiva era um produto nutritivo excelente, agradável ao paladar e de variada utilidade na arte culinaria.

Outra causa tambem contribuiu para despertar a exploração comercial da farinha de banana; ora é sabido que a maioria dos portos dos países tropicais estão continuamente abarrotados daquela fruta, que em grande quantidade é recuzada, devido não sómente ao estado, qualidade e exiguidade dos cachos, como ao seu gráo de maturação.

Os cachos verdes, postos de parte, contribuem para aumentar extraordinariamente o mercado, de sorte que esta superabundancia perdida para a exportação, excede de um modo consideravel as necessidades do consumo.

D'aí a tentativa de se tirar algum proveito desses desperdícios, fabricando-se a farinha de banana, cujo processo de fabricação é o mesmo que o da farinha de batata; assim, as bananas verdes, cortadas em rodela finas, são secas artificialmente e depois moídas, resultando um tenue pó amilaceo.

Algumas ideias sobre fortificação, sugeridas pela guerra actual. — A guerra actual veio mostrar-nos que as fortificações de campanha, quando devidamente apoiadas umas por outras, são capazes de oferecer maior resistencia que as obras permanentes mais solidas e dispendiosas.

A situação e pormenores de construção dos fortes permanentes são, no geral, bem conhecidos do inimigo. Em compensação as obras de campanha não o são tanto; além disso a observação dos efeitos do fogo dirigido contra elas torna-se verdadeiramente difficil. Tudo isso sem contar com que o fogo da artilharia se localiza de tal maneira, que os destroços produzidos pelos seus projecteis podem ser reparados rapidamente. E, dispondo-se de tempo, podem-se fazer tão consistentes que os obuzes ligeiros de campanha ocasionam nelas escasso efeito.

A granada com balas não produz outro efeito contra esta especie de trabalhos senão obrigar os ocupantes a permanecer a coberto.

Os obuzes pezados e morteiros, serão as peças mais eficazes contra eles e a vitoria efectiva só poderá obter-se lançando a infantaria ao assalto.

Ha alguns anos o general Langlois antecipou a ideia de que qualquer forte permanente se veria obrigado a capitular, se as forças de sitio dispozessem de obuzes de 155^{mm} e canhões ligeiros de campanha, dotados com suficientes munições, que, mediante um fogo fulminante, abririam o caminho á infantaria sem a expôr a perdas apreciaveis.

A presente guerra pôz em evidencia o erro desta asserção, porque estes calibres não tiveram proporcionado sufficiente potencia para a completa destruição dos fortes da Belgica.

E' permaturo afirmar que a fortificação permanente não vai já ser necessaria no futuro.

E' certo que os progressos no armamento e aviação, tornam perigoso que se confie a defesa ás fortificações de campanha sómente, mas o assunto deve ser cuidadosamente estudado antes de chegar a conclusões definitivas.

A couraça, o beton e a alvenaria, são hoje insufficientes contra o poder destruidor da moderna artilharia de sitio, pelo que alguém propôz voltar de

novo aos muros de tijolo e pedra ; se bem que é duvidoso que estes possam resistir aos efeitos de um projectil de 40^{cm} com 1:000^{kg} de peso e uma carga explosiva de 150^{kg}. As torres blindadas de Liège não foram capazes de suportar os efeitos de penetração dos projecteis explosivos lançados por obuzes de grosso calibre.

De futuro, os esforços serão seguramente encaminhados em descobrir algum material para muros, parapeitos e abrigos que os torne impenetráveis aos projecteis carregados com altos explosivos. A dupla placa couraçada, inventada por Schumann, talvez resolva o problema.

A melhor proteção será sempre um traçado pouco visível de fortificações dispostas em varias linhas, que impeçam o inimigo realizar ataques de flanco e o obriguem a um consumo crescido de munições antes de conseguir o seu objectivo.

Armamento, munições e material de guerra das principais potencias em guerra. —

ARMAMENTO.—ESPINGARDAS

Alemanha : sistema Mauser, modelo 1898, calibre 7^{mm},9 ; com cartucho de bala em ponta.

Austria-Hungria : sistema Mannlicher, modelo 1895, calibre 8^{mm}.

Belgica : sistema Mauser, modelo 1889, calibre 7^{mm},65.

França : sistema Lebel, modelo 1886-93, calibre 8^{mm}, com cartucho de bala em ponta.

Inglaterra : sistema Lee-Enfield, modelo 1905, calibre 7^{mm},7.

Japão : sistema Arisake, modelo 1903, calibre 6^{mm},5, com cartucho de bala em ponta.

Montenegro : sistema Messine, modelo 1891, calibre 7^{mm},62.

Russia : sistema Messine, modelo 1891, calibre 7^{mm},62.

Servia : sistema Mauser, modelo 1895, calibre 7^{mm}.

Turquia : sistema Mauser, modelo 1893, calibre 7^{mm},65, com cartucho de bala em ponta.

METRALHADORAS

Alemanha : Maxim.

Austria-Kungria : Schwarlose.

Belgica : Maxim.

França : Puteaux.

Inglaterra : Maxim.

Russia : Maxim.

Servia : Maxim.

ARTILHARIA DE CAMPANHA

Alemanha : canhão de tiro rapido, modelo 1896, transformado, de 77^{mm} de calibre ; obuz ligeiro, modelo 1898, de 0^m,15.

Austria-Hungria : canhão de 75^{mm},5 de calibre, de tiro rapido ; obuz ligeiro de 104^{mm} ; canhão de 75^{mm},5 de calibre, de tiro rapido ; obuz ligeiro de 104^{mm} ; canhão de montanha, modelo 1889, de 76^{mm}, e obuz de montanha, tiro rapido, de 10^{cm}.

Inglaterra : canhão de tiro rapido de 8^{cm},38; canhão de montanha de tiro rapido de 7^{cm},62.

Russia : canhão modelo 1902, de 76^{mm}; canhão de montanha de 70^{mm}; obuz ligeiro, tipo Krupp, de tiro rapido, calibre 12^{cm}.

Servia : canhão Schneider, modelo 1908, tiro rapido, de 75^{mm}.

ARTILHARIA PESADA

Alemanha : obuz de 15^{cm}; morteiro de 21^{cm}; canhão de tiro rapido de 10^{cm}; canhões de 15 e 13 centímetros.

Austria-Hungria : morteiro de sitio de 15^{cm}, modelo 1880; canhões de sitio de 7, 12, 15 e 18^{cm} e morteiro de 24, modelo 98.

França : canhão de 155^{mm}, curto, de tiro rapido, canhão de 120 curto, canhões de 120 de comprido, de 155 de comprido, de 155 curto; morteiro de 226 e canhão de 220

Inglaterra : obuz de 125^{mm}.

Russia : obuz de 12^{cm}; canhão de 105^{mm}; obuz de 15^{cm} e morteiro de 20^{cm}.

Cadaveres sem feridas aparentes. — É comum nas trincheiras bombardeadas com os projectis de 75 francês, encontrarem-se soldados alemães mortos sem o menor vestigio de ferimento ou contusões.

Às vezes, esses corpos permanecem de pé, apoiados de encontro á trincheira, como que immobilizados na mesma posição, quando foram atingidos pela explosão do projectil.

Julgou-se, a principio, que uma comoção nervosa, sumamente violenta, devida ao enorme aumento de pressão atmosferica, fosse a causa determinante dessas mortes subitas, conservando ileso a integridade exterior do corpo.

Mas. os trabalhos de Lerwin, vieram demonstrar que, essas mortes repentinas eram ocasionadas por um gaz tonico — o *óxido de carbone*, que se produz em consideravel quantidade na deflagração do acido pícrico e da *trilita*.

Quando este gaz existe na atmosfera ambiente na proporção de 30 % arrasta o homem á morte fulminante, e em menores proporções produz sonolencia, acompanhada de fortes cefalalogias e de vômitos, ás vezes, incoercíveis.

Assim, na opinião desse abalizado quimico, a asfixia que se produz é muito semelhante á que ocorre com os sinistrados pelos gazes que se desprendem de um fogareiro em local hermeticamente fechado, aumentados, porém, os efeitos pela subita produção da enorme quantidade de oxido de carbone.

Não é, pois, de extranhar que tais mortes subitas, fulminantes, sobrevenham nas trincheiras e no interior dos estreitos canais de comunicação.

Nessas sincopes fulminantes o sangue permanece vermelho, rubro, pela formação duma verdadeira oxihemoglobina.

E essa coloração varia muito pouco em cada individuo sinistrado, conforme a maior ou menor quantidade de oxido inalado, absorvido.

II PARTE MARITIMA

França

O cruzador de combate. — O correspondente do *Naval and Military Record*, chama a atenção ácerca do interesse que está despertando em França a controversia sustentada nos centros navais dos Estados-Unidos, com o fim de examinar os meritos respectivos dos couraçados e cruzadores-couraçados, e diz que se espera, com muito interesse, naquele país a decisão definitiva do almirantado americano, posto que em ambas as republicas se apresenta um problema semelhante, e em França, durante varios anos, convergiram os esforços na construção de couraçados, com exclusão de cruzadores, contrastando esta politica com a mais progressiva da marinha britanica, que lançou á agua 28 couraçados, 7 cruzadores-couraçados e 40 mais pequenos, desde 1907.

No mesmo periodo, continua dizendo o referido correspondente, a França começou a construir 12 couraçados e a America 11, mas não se votou credito algum para ser gasto em cruzadores, supondo injustificadamente que sómente os couraçados seriam instrumentos decisivos nos combates navais e que qualquer outro barco teria pouca importancia para este fim, e seria a sua construção, por conseguinte, exclusivamente um luxo. E assim, as autoridades navais da Inglaterra, fieis á idéa do dreadnought, utilizaram as vantagens por eles adquiridas nas sciencias balistica e mecanica para produzir unidades de combate, possuindo superiores calibre e velocidade, e por conseguinte, em condições de assegurar a vantagem capital dos primeiros tiros contra os barcos inimigos, os almirantados de Paris e Nova-York, condescendendo com o exemplo, que oferece o erro que tanto custou á esquadra alemã, aderiram á opinião de que, superior poder e qualidade, significa o maior numero de canhões de grande calibre montados em cada navio. D'aqui nasceram os projectos do *Pensylvania* e *Normandia*, com as suas formidaveis baterias de 12 canhões de 13,4 e 14 polegadas de calibre, e depois o tipo *Tourville*, mais notavel todavia, com um armamento sem precedente de 16 canhões de 13,4, que os tecnicos franceses proclamam como sendo a obra mais perfeitamente executada na construção naval.

Não é de estranhar que, quando o ministro Monis, ha proximamente um ano, muito impressionado com as vantagens tacticas e estrategicas dos *Lions* ingleses, propôz seguir de novo a conduta da Inglaterra, a substituir por cruzadores-couraçados de extrema velocidade a criação, tão admirada do engenheiro Doyeve, se levantou em França um protesto dentro e fora da Marinha e que os directores da opinião naval não encontraram dificuldade em demonstrar que a alteração projectada no programa das novas construções, estabeleceria um maior dispendio, para produzir unidades de combate de valor secundario, sob o ponto de vista historico.

O sr. Bertin, director da secção tecnica, de Paris, publicou então uma serie de dados notaveis que punham em evidencia o muito que custava a velocidade cujo factor, depois da experiencia adquirida com os cruzadores protegidos e destroyers do comercio, se desprezou consideravelmente entre o pessoal naval.

Por exemplo, desejava-se dar ao *Normandia*, de 25:300 toneladas (12 canhões de 13,4 polegadas e 12,5 polegadas de couraça), uma velocidade de 25 milhas, o que faria subir o deslocamento a 30:000 toneladas, e se fôsse de 30 milhas a velocidade alcançaria aquele 45:000 toneladas e o seu custo seria fenomenal.

Tão custosa é a velocidade que um cruzador protegido, levando o modesto armamento de um *Patrie* (4 canhões de 12 polegadas e 10 de 7,5) teria 30:000 toneladas para uma velocidade de 33,6 milhas, 35:000 para outra de 34,5 e 45:000 para obter pouco mais de 36.

Argumentos semelhantes—que não constituem mais que um exagero, posto que a construção britânica conseguiu obter uma grande força ofensiva e muita velocidade com um deslocamento relativamente moderado nos *Lions* e *Tigers*—expuzeram-se também nos Estados- Unidos, e esta questão dos cruzadores-couraçados parece que está pendente, por agora, de resolução em ambas as republicas.

Todavia, as proezas dos cruzadores-couraçados britânicos renovaram a controversia. Viu-se claramente que se não fôsse pela superioridade em velocidade e calibres, os quais deram meios aos almirantes Sturdee e Beatty para se opôr aos projectos do inimigo, os cruzadores rápidos alemães haviam criado aos aliados grandes incomodos. Como consequencia disso, o cruzador de combate obteve um numero consideravel de partidarios.

Está-se vendo, que é um instrumento indispensavel de ofensiva geral e bloqueio que alcança a vitoria sobre os cruzadores inimigos similares, vantagens em velocidade e calibre das peças, como tendem a demonstral-o todas as acções entre cruzadores que tiveram logar nesta guerra.

O valor relativamente pobre que representa o calibre inferior de *Derfflinger* e *Moltkes*, é com respeito a este ponto, uma lição para outras potencias.

Japão

Novas construções. — Segundo o *Engineering*, o Japão pensa aplicar ás construções navais uma verba de 2.333:332 libras durante o actual ano economico de 1915-16.

No de 1916-17, este orçamento será de 3.604:849 libras; para 1917-18, 2.681:864 libras e para 1918-19, 636:047 libras. A importancia total dos orçamentos nestes 4 anos será consideravelmente superior a 9.000:000 de libras.

Os orçamentos navais para o corrente ano financeiro, foram aprovados pelo Parlamento japonês. Auxiliaram em parte, o custeio de 3 couraçados de 30:000 toneladas cada um, que se construíram um em Yokohama, que terá o nome de *Yamashiso*, outro no arsenal de Kawasaki, com o nome de *Ise*, e o terceiro, o *Hynga*, no arsenal de Mitsu Bishi. Nestes orçamentos incluem-se, além disso, parte do custo de 4 destroyers de segunda classe e dois submarinos de 700 toneladas.

Foi colocada a quilha do *Ise* em 5 de maio do ano passado e em 11 do mesmo mês a do *Hynga*.

Será dado um impulso vigoroso á construção destes três couraçados, e os oito destroyers e os dois submarinos deverão estar concluidos no fim deste ano.

Os dois destroyers que se constroem em Inglaterra, receberão os nomes de *Urakaze* e *Kawakasi*.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

Estados Unidos

- 1 *International Military Digest*. Vol. 2. N.º 5. Maio de 1916. Pag. 229 a 289.

França

- 1 *Compte définitif des dépenses de l'exercice 1913, du ministère de la marine*. Première section du budget. Grand in-4, 455 p. Impr. nationale 1915 (10 février 1916).
- 2 *Compte de l'emploi des crédits affectés pour l'année 1913 à l'inscription des pensions militaires au Trésor public, suivi de la situation au 31 décembre 1913, des services*: 1.º des soldes temporaires de réforme; 2.º de la gratification temporaire de réforme. (Exécution des articles 28 et 36 de la loi du 25 mars 1817, de l'article 5 de la loi du 15 juillet 1819, de l'article 4 de la loi du 17 avril 1833, et des paragraphes 2 et 3 de l'article 237 du règlement du 3 avril 1869, sur la comptabilité de la guerre). In-8, 78 p. (10 février). Impr. nationale. 1916. Paris.
Ministère de la guerre.
- 3 *Compte général et définitif des dépenses de l'exercice 1913 du ministère de la guerre*. Annexe au compte. Comptes des journées de l'armée active, de la réserve et de l'armée territoriale pour les troupes métropolitaines et les troupes coloniales. Grand in-4, 260 p. Impr. Nationale. Paris. 1915. (10 février 1916).
- 4 DEBOUT (J.). *Les Victoires de l'âme française. Conférences et discours pendant la guerre*: avec une lettre préface de Mg^r Marbeau, évêque de Meaux, et deux lettres de Nos Seigneurs les évêques de Nice et de Blois. In 8, vi-166 p. Edit., Bloud et C^{ie} 7, place Saint-Sulpice. Paris. 1915.
- 5 GUYON (C.) inspecteur d'académie honoraire. *Nos prisonniers en Allemagne*. Quinze gravures. (12 février). In-16, 48 p. Impr. Larousse. Paris
C. 10
- 6 JEAN-BERNARD. — *Histoire générale et anecdotique de la guerre de 1914*. Cinquième fascicule. Sommaire: Gerbéviller la Martyre. Le Dévouement de Sœur Julie. L'Héroïque Grand Couronné de Nancy. Les Allemands en Belgique. Les Fusillades en masse, Le Sac d'Aerschot. Les Massacres de Dinant. Le Crime de Louvain. Récits de témoins neutres. Illustrations. Cartes et plans. In-8, à 2 col., p. 259 à 322. Berger-Levrault. Nancy-Paris. 1916.
- 7 LEROY-Beaulieu (Paul). de l'Institut. — *La Guerre de 1914 vue en son*

- cours chaque semaine. La Première Année de guerre (août 1914 à fin juillet 1915). In-18, 511 p. Delagrangé, 15, rue Soufflot. Paris. Fr. 3,50*
- 8 *Réserve et Armée territoriale. Hommes de troupe. In-8, 555 p. Charles-Lavauzelle, 124, boulevard Saint-Germain. Paris. Fr. 4*
- 9 *Aide-Mémoire du chef de section de mitrailleuses. In-16, 118 p. avec fig. 1915. Oberthür. Rennes.*
Centre d'instruction de mitrailleuses de Coetquidan.
- 10 CHENU (C.) ancien bâtonnier. — *De l'arrière à l'avant. Chronique de la guerre. (Octobre 1914 — décembre 1915). In 16, VIII-319 p. Flon, Nourrit et C.^{ie} 1916. (21 février). Paris.*
- 11 DOUCHEZ (A.) avocat à la cour d'appel d'Alger. — *Guerre de 1914-1915. Recueil des lois, décrets, circulaires, etc., concernant la France et spécialement l'Algérie. Août 1915. In-8, 92 p. Adolphe Jourdan, place du Gouvernement. Alger. 1915.*
- 12 DUPONT (E.) lauréat de l'Académie française. — *Les Prisonniers de guerre anglais en France au XVIII^e siècle, d'après des documents originaux inédits. How English prisoners of war were treated in France in the eighteenth century. Textes français et anglais. 1915. In 8, 12 p. libr. étrangère, Boyveau et Chevillet, 22, rue de la Banque. C. 75*
- 13 Gœthe — *Campagne de France (23 août-20 octobre 1792). Texte allemand publié avec une introduction des sommaires, des notes et une carte par O. Briois, agrégé de l'Université, professeur au lycée de Rouen (14 février 1916). Petit in 16, XVI-346 p. avec planche. Hachette et C.^{ie} Paris. Cartoné Fr. 2*
Classiques allemands.
- 14 *Impressions de guerre de prêtres-soldats recueillies par Léonce de Grandmaison. Batailles et Champs de bataille. Avec les Allemands. L'Année religieuse au front. Episodes. In-16, III-332 p. Plon-Nourrit et C.^{ie} 1916 (21 février). Fr. 3,50*
- 15 *Invasion (l') allemande par la frontière du Nord d'après les ouvrages des généraux Maitrot et Herment. Conférence faite au cercle militaire le 19 février 1914 par le capitaine *** 1916. In-16, 32 p. Georges Crès et C.^{ie} édit.; 116, boulevard Saint-Germain. Paris.*
- 16 MARION (G.) médecin-major de première classe, chirurgien de l'hôpital Lariboisière, professeur agrégé à la Faculté de médecine. — *Indications générales du traitement des places de guerre suivies de quelques indications à l'usage des blessés. La Localisation des corps étrangers. La Technique des appareils pour l'immobilisation des membres; In-8, 194 p. avec fig. et planches hors texte. 1916. A. Maloin et fils, édit., 27, rue de l'École-de-Médecine. Paris. Chirurgie de guerre.*
- 17 MASSIS (H.) — *Impressions de guerre (1914-1915) Frontispice de Maurice Denis. In-16, 85 p. Georges Crès et C.^{ie} édit., 116, Boulevard Saint-Germain. Paris 1916. — Collection Bellum.*
- 18 JOUGLAR (J.) licencié en droit, avoué à Briançon, actuellement sergent au 111^e territorial — *Le Mariage des militaires pendant la guerre. (14 janvier). In-8, 13 p. impr. R. Tancredi, libr. de droit usuel, 60, quai des Orfèvres 1915. Paris.*

Inglaterra

- 1 LE GOFFIC (D. Charles) *Dixmude. The Epic of the French Marines*, Oct. 17-Nov. 10, 1914 Translated by Florence Simmonds Cr. 8vo, pp. 185. *Heinemann*. net 3/6
- 2 MACGILL (Patrick) *The Red Horizon*. With a Foreword by Viscount Esher. Cr. 8vo, pp. 306. *H. Jenkins*. net 5/
- 3 MANN (W. Mortlake) *Physical Drill for Home Defence Corps*. 18mo, swd., pp. 34. *Harrison & Sons* 6d
- 4 MILITARY Historian and Economist. Vol. 1. No. 1, *January, 1916. 8vo, pp. 32 *Hugh Rees*. per annum, 13/
- 5 NEWTON (W. G.) *Military Landscape Sketching and Target Indication*. With an Introduction by Lieut.-Colonel H. A. R. May. Oblong, pp. 45. *Hugh Rees* net 1/6
- 6 PLANT (H. L.) *Maze Drill Illustrated*. For the Army and Navy, Volunteer Corps, Schools, Displays, Scouts, Boys' Brigades, etc. 18mo, swd., pp. 56. *Harrison*. net 1/
- 7 PLOWDEN-WARDLAW (James) *The Test of War: War Addresses given at Cambridge*. Cr. 8vo, pp. 202. *R. Scott* net 2/6
- 8 RAPID Training of Recruits. *A Practical Scheme*. By Instructor. 16mo, pp. 178. *Gale & Polden* net 1/6
- 9 RICHARDSON (Major A. R.) *Trench Warfare*. 12mo, pp. 23. *Westminster Press* net 4d
- 10 ROUSE (Seymour) *Practical Notes for Machine-Gun Drill and Training* (To be read in conjunction with Official Handbooks.) 18mo, swd., pp. 82. *Forster Groom*. net 6d
- 11 STANLEY (Monica M.) *My Diary in Serbia*. April 1, 1915-November 1, 1915. Illustrated with photographs. Cr. 8vo, pp. 128. *Simpkin* net 2/
- 12 *Syllabus of Infantry Training*, as suggested by Notes on Company Training. issued by the General Staff and adopted by 52nd Overseas Battalion Canadian Expeditionary Force. Compiled by Lieut.-Colonel A. W. May and Captain H. J. Horan. Cr. 8vo, bds., pp. 149. *Hugh Rees* net 4s
- 13 THOMAS (Howel) *A History of the Royal Welsh Fusiliers, late the 23rd Regiment*. Cr. 8vo, pp. 288 *Unwin* net 3/6
- 14 VAN VORST (Marie) *War Letters of an American Woman*. With eleven Illustrations. Cr. 8vo, pp. 352 *J. Lane* net 5/
- 15 WHEN I Join the Ranks: *What to do and How to do it*. By «The Major». 18mo, swd., pp. 122. *Gale & Polden* net 1/
- 16 WILKINSON (Spenser) *The Nation's Servants: Three Essays on the Education of Officers*. Cr. 8vo, swd. *Constable* net 6d

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club militar naval*, n.º 4 de abril de 1916. O incendio da Escola Naval. Os corsarios submarinos. O torpedo e a mina Leon. Estudo tactico do navio. Os acontecimentos da actual conflagração.

- 2 *Boletim de administração militar*, n.º 5 de maio de 1916. Conferencias para instrução profissional dos officiaes de administração militar. Serviços administrativos em campanha; revisão de regulamentos. Mobilização de formações administrativas. Alterações ás Instruções para o serviço de subsistencias pelo emprego do automovel. Quadros de administração militar. Ainda a carta modelo B. Administração militar nas colonias. Miscelanea. Sinopse de legislação. Movimento do pessoal do serviço de administração militar.
- 3 *O Instituto*, n.º 5 de maio de 1916. Historia da instituição da Santa Ordem de Cavalaria e das ordens militares. O Fausto de Gœthe. Memorias archeologico-historicas do distrito de Bragança. Characteristics of Portuguese literature. Antigas posturas da Camara de Vila da Horta. Memorias de Carnide.
- 4 *O Oriente portuguez*, n.ºs 3 e 4 de março e abril de 1916. Assentos de obitos no convento de S. Francisco d'Assis. Tombo das antigas instituições capelares na Sé de Gôa. Epitafios da igreja de Curtorim. A revolta de 1895. *Varia variorum*.
- 5 *Revista de artilharia*, n.ºs 142 e 143 de abril e maio de 1916. A polvora da peça de 7,5 cm. (T. R.) fabricada em Chelas. Novos projecteis para artilharia. Retalhos da guerra O colegio militar. *Variedades*.
- 6 *Revista de medicina veterinaria*, n.ºs 169 e 170 de março e abril de 1916. Uma marcha zootechnica. Na inauguração do monumento a Silvestre Bernardo de Lima. Os animais e a guerra. Psicoses animais. Pecuaria colonial. Serviços medico-veterinarios do exercito. O mormo em Portugal.
- 7 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 9 e 10 de 15 e 31 de maio de 1916. Montepio para sargentos e equiparados. Auxilio extraordinario. Preparação do soldado para a guerra. Os serviços administrativos no nosso exercito — Manutenção militar. Consequencias de um decreto. A soberba Alemanha. Reforma das praças de pré. A quinzena politica. Coisas de marinha. Reservas da armada. Conferencias patrioticas. Auxilio extraordinario. Os officiaes inferiores de hoje e os seus antecessores. Exercito colonial, instrução e sargentos. Na passagem do regimento. Sargentos do Arsenal do Exercito. Impressões da nossa *Revista* no ultramar. Aos primeiros sargentos das colonias. Os sargentos de artilharia. Sargentos das colonias. Notas parlamentares. Officiaes milicianos. Coisas de marinha. Origem da polvora. A quinzena politica. A casa Krupp.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 352 de março-abril de 1916. Reforma de la instruccion de los officiaes subalternos de guerra. Artilleria moderna. Nuestra artilleria de costa. Sobre el empleo de los torpederos en la rebusca de noche. Accidente en la Santa barbara del blindado. A proposito de esplosivos i combustiones espontaneas Cual es el acorazado mas poderoso? Almirantargo en Santiago. Acciones navales, 1914-1915.

Cuba

- 1 *Boletim del exercito*, n.º 3 de maio de 1916. El mando supremo y sus auxiliares. Nuestra bandera. Republica oriental del Uruguay — Reforma militar. El ejercito argentino. Problemas en el mapa. Normas para la instruccion de reclutas reglas de conducta para los instructores. Experiencias y enseñanzas militares de la guerra segun juicios del extranjero. Correccion y rectificacion de los instrumentos de medios angulos. Lo que están haciendo los Du Pont. Haciendo atractivo el servicio de los alistados.

Espanha

- 1 *Boletin de Intendencia y Intervencion militar*, n.º 54 de maio de 1916. La riqueza del gluten en la harina. El ganado en la guerra europea. El consumo de trigo en el mundo.
- 2 *Estudios militares*, n.º 5 de maio de 1916. Servicio del tren en los principales ejercitos modernos. Valor real de las plazas fuertes. La guerra europea: crónica politico-militar. El infante y el terreno. El enlace de las armas con aplicación al estudio tactico de una campaña moderna. Tiro de infanteria contra aeronaves. Apuntes de trigonometria, ajustados al programa de ingreso en las Academias militares. Estudio sobre el empleo táctico del fusil y de la ametralladora (enlace del fuego y de la maniobra).
- 3 *Memorial de artilleria*, n.º de maio de 1916. El problema del municionamiento. El hierro y el carbón, en paz y en guerra. Notas sobre polvoras modernas. Simplificación del metodo de triangulacion para la apreciacion de distancias.
- 4 *Revista de caballeria*, n.º de maio de 1916. A nuestros lectores. Ruego encarecido. Inauguracion del curso complementario para segundos tenientes de la escala activa del Arma, en la Escuela de tiro de Caballeria, año 1916. La guerra de trincheras. Crónica de las acciones de la caballeria en la guerra de las naciones. La retirada da Russia.
- 5 *Memorial de infanteria*, n.º 53 de junho de 1916. A nuestros lectores. Modificaciones en el arte militar. Colocación de puntos sobre un mapa. Proyecto de reglamento para la instruccion tactica de las tropas de Infanteria. Los enlaces en el campo de batalla. Apuntes para el estudio del sitio de Barletta. Estudios napoleónicos.
- 6 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.ºs de 1 e 15 de maio de 1916. Recuerdo de un hecho en la guerra de la Independencia. Defensiva. Estudios sobre infantaria. Estudios de estrategia y tactica general. Estudio geografico, militar y naval de España. Defensa de la ciudad de Puerto Rico en 1797. Estudios sobre infantaria. Obra militar de la Revolucion francesa.

Estados Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º 3 de maio-junho de 1916. Preparations that should be made in peace for quartering and provisioning coast defense garrisons in war. A study on the use in land de-

fense of heavy mobile artillery. The principles involved in the mine defense of harbors. The S. S. noordam aud a mine. Description of time-range-relation ruler and T-square. Service of the piece game. The location of coast forts and their land defenses. A reminder list for battery officers. Why weakening the field of a shunt motor will increase its speed.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, abril de 1916. Cenno sull'impiego dei proiettori e dei proietti illuminanti nella guerra campale. Balistica razionale obrigativa per gli antiaerei. Calcolo rapido di persi profileti sollecitati simultaneamente a flessione e tensione. Miscelanea.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de maio de 1916. Forza numerica degli ufficiali dell'arma di cavalleria. Da un mese all'altro. Cronistoria della azioni della cavalleria nella guerra delli nazioni. Il venti maggio 1814 e la restaurazione in Piemonte. La sorprese di questa guerra.

Mexico

- 1 *Revista del ejercito y marina*, n.º 6 de 20 de abril de 1916. Calpulápan... Celaya. General Luis Caballero. Los combates de Celaya contra la reacción. Acuerdos y disposiciones oficiales. Celaya. Conferencia civica. Las fuerzas vivas. 21 de abril de 1914. Estado mayor general del ejercito. Consejos a los reclutas. La educacion fisica racional del ejercito mexicano.
- 2 *Tohtli*, n.º 30 de abril de 1916. El arco triunfal de la Escuela N. de aviacion. La aviación en México y la hélice «Anáhuac». Notas. El conde Zeppelin. La hélice «a punto fijo» y el rendimiento. Aviación naval, su valor y sus necesidades. Conferencia demostrativa sobre el arte del melo practico. Charla científica. Los aeroplanos del gobierno de los EE. UU. non utiles para México. Parte de la batalla de Celaya del 6 al 7 de abril de 1915. Una visita a la primera bateria constitucionalista. Los aeroplanos del gobierno... Nuestra guerra con Alemania. Literatura mexicana — Del libro «Gotas de tinta».

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 5 de maio de 1916. Krigen XII. Om projektilers virkning. Disciplin. Skyteforsok mot sueforskansninger.

Peru

- 1 *Boletim del Ministerio de guerra y marina*, n.º de março de 1916. Conferencias dadas en la Academia de estado mayor (8.ª da infantaria, 5.ª de caballeria). Operaciones militares en la Sierra. Una conferencia importante del general Dr. Bardolf. Dos conferencias (La forma del empeño en las grandes unidades). Experiencias de la guerra actual. La caballeria (su mision y su empleo). Deterioro y aumento de temperatura expontanea de carbonos en depositos. Paralelo entre Washington y Bonaparte.